

ABEL, HELENA

OPERA COMICA

representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no
theatro Phenix Dramatica, em 3 de março de 1877.

BIBLIOTHECA THEATRAL

Collecção de peças de theatro as mais populares

DO MESMO AUCTOR:

A filha de Maria Anzão	1800
A casadinha de fresco	1800
Uma vespera de reis	200
<hr/>	
As duas orphãs , drama em 5 actos ou 8 quadros.....	1800
Almeida e o assassino por amor , drama em 5 actos.....	1800
A Jadia , drama em 5 actos por M. Pinheiro Chagas.....	1800
A morgadinha de Val-Fior , drama em 5 actos por M. Pinheiro Chagas.....	1800
Os Lazaristas , drama em 3 actos por Antonio Ennes.....	1800
A estada de carne , drama em 1 prologo e 5 actos, traducção de Pires de Almeida...	1800
O Joven Telemaco , episodio mythologico-lyrico-burlesco, em 2 actos, por Eduardo Garrido, 2. ^a edição.....	1800
Ainda ha alguns exemplares em papel hollanda, impressão de luxo a.....	3800
O Remorso , scena tragica.....	200
Bata queimada , scena comica por Florindo Ferreira.....	200
As tribulações de um inspector de quarteirão , scena comica por Florindo Ferreira.....	200
A historia de um marinheiro , contada por elle mesmo, scena comica.....	200
O amigo dos artistas , scena por um inimigo ligadal dos dictos.....	200
Um alho , scena comica, por Eduardo Garrido	200
Em vesperas de casamento , scena comica, em continuação a <i>Um alho</i> , de Eduardo Garrido, por Andrade Carvalho....	200
Uma victima do jogo , scena comica...	200
Cerração no mar , scena dramatica por Dias Guimarães.....	200
Cegueira ou bebedeira? parodia á scena dramatica, <i>Cerração no mar</i>	200
Faz-me favor do seu fogo si não vae com muita pressa , dialogo comico.....	200
O conductor d'omnibus , scena comica	200
O romance de um moço pobre , drama.....	1800

BIBLIOTHECA THEATRAL

ABEL, HELENA

PEÇA COMICA E LYRICA EM TRES ACTOS

POR

ARTHUR AZEVEDO

II

ESCRITA A PROPOSITO DA OPERA COMICA

A BELLA HELENA

DE

HENRIQUE MEILHAC E LUDOVICO HALÉVY

Musica de

JACQUES OFFENBACH

RIO DE JANEIRO

NA LIVRARIA DE SERAFIM JOSE ALVES, EDITOR

83 Rua Sete de Setembro 83

Directos de reimpressão e representação reservados pelo autor.

PERSONAGENS

ABEL, professor publico.....	FELIPPE.
NICOLAU, fazendeiro.....	VASQUES.
PANTALEÃO DE LOS RIOS.....	VILLA-REAL.
CASCAES, vigario da freguezia...	GUILHERME DE AGUIAR.
ALFERES ANDRADE, commandante do destacamento.....	PINTO.
GOES & COMPANHIA, negociantes.	{ LEAL. PEDRO.
PHILOMENO, sachristão, sineiro, etc	VICENTE.
EUSTACHIO, ferreiro.....	MACHADO.
HELENA, afilhada de Nicolau....	DELMARY.
PEDRINHO,)	{ VILLIOT.
JUCA SÁ,)	{ EUPHRASIA.
BENJAMIM,)	{ JULIA CAMARA.
MARCOLINA, mucama.....	MATHILDE.
UM FEITOR.....	MACHADO.
UM EMPREGADO DO CORREIO...	AVELINO.

DEVOTAS, RAPAZES, NEGROS, POVO, MUSICOS, ETC.

A scena passa-se em uma freguezia da provincia do Rio de Janeiro. Actualidade.

ENSAIADOR, JACINTHO BELLER.

REGENTE DA ORCHESTRA, HENRIQUE DE MESQUITA.

SCENOGRAPHO, JULIO DE ABREU.



32/19/46

ABEL, HELENA

ACTO PRIMEIRO

QUADRO PRIMEIRO

A MISSA.

Para publica. Ao fundo a Matriz e a casa de residencia do padre Cascaes. É dia de festa.

SCENA PRIMEIRA

povo, depois CASCAES e PHILOMENO.

Ao erguer do panno homens e mulheres, defronte da porta de Cascaes, apresentam flores, fructas, velas de cera e um frango. Flores em mais abundancia;

CORO.

Acceito, ó senhor padre, os mimos que lhe dão
de coração
os que aqui'stão
com devoção!

E lhe pedimos já cheissimos de fé,
que rogue a Deus por nós, si nosso amigo é.

Acceite, ó senhor padre, etc.

UMA RAPARIGA.

*(Offerecendo
um ramilhete a
Cascaes)* Acceite estas cravinas,
acceite por favor.
Não são tão purpurinas?
Não tem tão linda còr?

OUTRAS RAPARIGAS.

Si o seu padre não acceita
este raminho já,
tomamos por desfeita
e não voltamos cá....

CÔRO.

Accite estes presentes,
si nos quer vêr contentes.

Accite, ó senhor padre, etc.

(Acabado o côro, continúa a musica na orchestra, enquanto o povo depõe os seus presentes nas mãos de Philomeno, e vae se retirando.)

CASCAES.

(*Olhando para as flôres com descontentamento*). Sempre flôres! Flôres, flôres, e mais flôres! (*O povo tem saído completamente*).

SCENA II

CASCAES e PHILOMENO.

CASCAES.

Guarde tudo isso, seu sacristão.

PHILOMENO.

Sim, senhor vigario. (*Vae aos poucos levando as offerendas para a casa de Cascaes*).

CASCAES.

Ora, valha-me Deus! Que presentes! Que presentes! Duas velas de cera, apenas um frango, e flôres, flôres, e mais flôres! (*Com desposlo*). Para que flôres? — Ah! já lá vae o tempo dos perús e das gallinhas gordas... *Oh! tempora oh! mores!* E viva um pobre vigario da modesta congrua! Já não ha fé nos vigarios! Já não ha fé nos vigarios!

PHILOMENO.

Não é tanto assim, senhor vigario; o seu collega de Itapiry.

CASCAES.

E' exacto. E' o homem mais feliz que conheço. Até o sermão de hoje m'o tiraram, para dar-lh'o, a elle! E levam-lhe bois, porcos, saccoes de farinha e de feijão....

PHILOMENO.

Deve fazer bom negocio....

CASCAES.

Ora si faz! Mas por cá é o que você está vendo: flôres, flôres, e mais flôres! (*Como quem se resigna*). Enfim, você ha-de levar este ramilhete á comadre.... (*Dá-lhe um ramilhete que tem conservado na mão*).

PHILOMENO.

Sua, senhor vigário.

CASCAES.

É o sino?! Trouxeram o sino, que tinha ido ao mestre ferreiro, para segurar o badalo?

PHILOMENO.

Ainda não.

CASCAES.

Como ainda não?!

PHILOMENO.

Estou a espera....

CASCAES.

Olhe que hoje não podemos passar sem sino! Um dia de tanto jubilo! Festa litteraria depois da missa das dez....

PHILOMENO.

Vossa reverendissima não me explicará o que vem a ser essa festa litteraria?

CASCAES.

Casas do senhor Pantaleão de los Rios, que não tem mais o que fazer? Da um premio a quem decifrar uma charada, responder a uma pergunta enigmatica e elosar um motte! Ah! senhor Pantaleão, senhor Pantaleão! *No salor ultra crepidam!*

PHILOMENO.

Ora o seu Pantaleão!

CASCAES.

Já ve você que não podemos passar sem sino! Preciso do sino!

PHILOMENO.

Fallae no mau.... Alli vem o mestre Eustachio com elle. *(Eustachio entra pela direita, trazendo um pequeno sino).*

SCENA III

OS MESMOS e EUSTACHIO.

CASCAES.

Então, mestre Eustachio, que demora foi essa?

EUSTACHIO.

Vossa Reverendissima desculpe; mas estive occupado a arranjar umas ferraduras para o senhor juiz de paz, e... Mas cá está o sino, e, desta vez, vem bem seguro o badalo.

CÓRO.

Accete estes presentes,
si nos quer vêr contentes.

Accete, ó senhor padre, etc.

(Acabado o córo, continúa a musica na orchestra, enquanto o povo depoe os seus presentes nas mãos de Philomeno, e vae se retirando.)

CASCAES.

(*Ollhando para as flôres com descontentamento*). Sempre flôres! Flôres, flôres, e mais flôres! (*O povo tem saúde completamente*).

SCENA II

CASCAES e PHILOMENO.

CASCAES.

Guarde tudo isso, seu sacristião.

PHILOMENO.

Sim, senhor vigario. (*Vae aos poucos levando as offerendas para a casa de Cascaes*).

CASCAES.

Ora, valha-me Deus! Que presentes! Que presentes! Duas velas de cera, apenas um frango, e flôres, flôres, e mais flôres! (*Com desgosto*). Para que flôres? — Ah! já lá vae o tempo dos perús e das gallinhas gordas... *Oh! tempora oh! mores!* E viva um pobre vigario da modesta congrua! Já não ha fé nos vigarios! Já não ha fé nos vigarios!

PHILOMENO.

Não é tanto assim, senhor vigario; o seu collega de Itapirv.

CASCAES.

E' exacto. E' o homem mais feliz que conheço. Até o sermão de hoje m'o tiraram, para dar-lh'o, a elle! E levam-lhe bois, porcos, sacco de farinha e de feijão....

PHILOMENO.

Deve fazer bom negocio....

CASCAES.

Ora si faz! Mas por cá é o que você está vendo: flôres, flôres, e mais flôres! (*Como quem se resigna*). Enfim, você ha-de levar este ramilhete á comadre... (*Dá-lhe um ramilhete que tem conservado na mão*).

PHILOMENO.

Sim, senhor vigário.

CASCAES.

E o sino?! Trouxeram o sino, que tinha ido ao mestre ferreiro, para segurar o badalo?

PHILOMENO.

Ainda não.

CASCAES.

Como ainda não?!

PHILOMENO.

Estou a espera....

CASCAES.

Ohé que hoje não podemos passar sem sino! Um dia de tanto jubilo! Festa litteraria depois da missa das dez....

PHILOMENO.

Vossa reverendissima não me explicará o que vem a ser essa festa litteraria?

CASCAES.

Casas do senhor Pantaleão de las Rios, que não tem mais o que fazer? Da um premio a quem decifrar uma charada, responder a uma pergunta enigmatica e glosar um motte! Ah! senhor Pantaleão, senhor Pantabao! *No sutor ultra crepidam!*

PHILOMENO.

Ora o seu Pantaleão!

CASCAES.

Ja vê você que não podemos passar sem sino! Preciso do sino!

PHILOMENO.

Fallae no mau.... Allí vem o mestre Eustachio com elle. (*Eustachio entra pela direita, trazendo um pequeno sino.*)

SCENA III

OS MESMOS e EUSTACHIO.

CASCAES.

Então, mestre Eustachio, que demora foi essa?

EUSTACHIO.

Vossa Reverendissima desculpe; mas estive occupado a arranjar umas ferraduras para o senhor juiz de paz, e... Mas cá está o sino, e, desta vez, vem bem seguro o badalo.

CASCAES.

Veja lá si o arranca de novo, seu sachristão!

EUSTACHIO.

Olhe! (*Agita o sino*).

CASCAES.

(*Precipitando-se como para suffocar o som*). Pare, pare, homem de Deus! Vae o povo persuadir-se de que o estou chamando à missa...

EUSTACHIO.

Desculpe....

CASCAES.

Tambem já são horas. Alli vêm algumas devotas e entre ellas a juiza da festa. Vamos, seu sachristão: leve o sino para a torre, pregue-o no logar, e chame à missa. (*Philomeno entra na igreja com o sino. A Eustachio*). Este sachristão accumula, heim? Elle é sachristão, sincero, official de justiça, vende cêra e faz a escripta da loja do Polydoro. (*Outro tom*). Mestre Eustachio, venha amanha receber as duas patacas do ajuste.

EUSTACHIO.

Não ha novidade.... (*Vae-se*)

SCENA IV

CASCAES e A JUIZA DA FESTA, DEVOTAS DE MANTILHA, HELENA e MARCOLINA.

CASCAES.

(*A juiza da festa*). Viva a juiza! Entre, dona Barbara! (*Acompanha-a até a porta da igreja. Nisto entra Helena, acompanhada por Marcolina. Helena, durante o côro, complimenta o vigario*).

CÔRO DE DEVOTAS MOÇAS.

Eis de sinhá, phalange honesta,
que tambem vem gosar da festa,
pois joven ser não é razão
que justilique a reclusão.

HELENA.

Ah ! que satisfação ser moça
 como eu sou !
 O coração se me alvoroça !
 Quem foi que amores inventou ?

(Philomeno tem apparecido na torre da igreja, e prega o sino a uma pequena trave).

HELENA.

I

Meu coração palpita, pulsa,
 por quem chegar vae hoje aqui !
 Sinto-me, ó ceus ! toda convulsa,
 como jamais eu me senti.
 Mas, ah ! não sei si meu padrinho
 me deixará ou não casar com meu bemsinho.

II

Elle não tem.... (*Faz signal de dinheiro*)
 A ver navios
 eu ficarei talvez, até,
 só porque dois saccos vasio
 não se poderão ter em pé.
 Mas ah ! não sei si meu padrinho
 me deixará ou não casar com meu bemsinho.

(Continúa a musica. O côro entra na igreja. O vigario vae a entrar tambem, mas Helena agarra-o pela batina e obriga-o a descer com ella á scena. Marcolina conserva-se no fundo).

SCENA V

HELENA, CASCAES e MARCOLINA.

HELENA.

Dá-me uma palavrinha ?

CASCAES.

Duas é tres, si quizer ; mas a missa....

HELENA.

Tem tempo. (*Cessa a musica*).

CASCAES.

Estou ás suas ordens.

CASCAES.

Veja lá si o arranca de novo, seu sachristão!

EUSTACHIO.

Olhe! (*Agita o sino*).

CASCAES.

(*Precipitando-se como para suffocar o som*). Pare, pare, homem de Deus! Vae o povo persuadir-se de que o estou chamando à missa...

EUSTACHIO.

Desculpe....

CASCAES.

Tambem já são horas. Allí vêm algumas devotas e entre ellas a juiza da festa. Vamos, seu sachristão: leve o sino para a torre, pregue-o no lugar, e chame à missa. (*Philomeno entra na igreja com o sino. A Eustachio*). Este sachristão accumula, heim? Elle é sachristão, sincero, official de justiça, vende cêra e faz a escripta da loja do Polydoro. (*Outro tom*). Mestre Eustachio, venha amanhã receber as duas patacas do ajuste.

EUSTACHIO.

Não ha novidade.... (*Vae-se*).

SCENA IV

CASCAES e A JUIZA DA FESTA, DEVOTAS DE MANTILHA, HELENA e MARCOLINA.

CASCAES.

(*A juiza da festa*). Viva a juiza! Entre, dona Barbara! (*Acompanha-a até a porta da igreja. Nisto entra Helena, acompanhada por Marcolina. Helena, durante o coro, comprimenta o vigario*).

CÔRO DE DEVOTAS MOÇAS.

Eis de sinhá, phalange honesta,
que tambem vem gosar da festa,
pois joven ser não é razão
que justilique a reclusão.

HELENA.

Ah ! que satisfação ser moça
 como eu sou !
 O coração se me alvoroça !
 Quem foi que amores inventou ?

(Philomeno tem apparecido na torre da igreja, e prega o sino a uma pequena trave).

HELENA.

I

Meu coração palpita, pulsa,
 por quem chegar vae hoje aqui !
 Sinto-me, ó ceus ! toda convulsa,
 como jamais eu me senti.
 Mas, ah ! não sei si meu padrinho
 me deixará ou não casar com meu bemsinho.

II

Elle não tem.... (*Faz signal de dinheiro,*
A ver navios
 eu ficarei talvez, até,
 só porque dois saccos vasio
 não se poderão ter em pé.
 Mas ah ! não sei si meu padrinho
 me deixara ou não casar com meu bemsinho.
 (Continúa a musica. O côro entra na igreja. O vigario
 vae a entrar tambem, mas Helena agarra-o pela batina
 e obriga-o a descer com ella a scena. Marcolina con-
 serva-se no fundo).

SCENA V

HELENA, CASCAES e MARCOLINA.

HELENA.

Dá-me uma palavrinha ?

CASCAES.

Duas é tres, si quizer ; mas a missa....

HELENA.

Tem tempo. (*Cessa a musica*).

CASCAES.

Estou ás suas ordens.

HELENA.

(*Dando com Marcolina*). Vá para a matriz, Marcolina.

MARCOLINA.

Yayá, sinhô velho me disse que não deixasse voceme e sosinha....

HELENA.

Faze o que te digo!

MARCOLINA.

Tá bom, eu vou; mas depois não quero *cumo chama* commigo. (*Entra na egraja*).

SCENA VI

HELENA e CASCAES.

HELENA.

Padre, vim reclamar sua protecção.

CASCAES.

Minha protecção, dona Heleninha? Explique-se.

HELENA.

Padre, eu já estou em idade de casar-me: vinte e quatro annos não são vinte e quatro horas.

CASCAES.

Sciente.

HELENA.

A ultima vez que estive na corte, quiz o destino que me encontrasse com elle.

CASCAES.

Elle quem?

HELENA.

Abel.

CASCAES.

Que Abel?

HELENA.

Um moço que se apaixonou por mim e por quem tive a fraqueza de me apaixonar.

CASCAES.

(*Sorrendo uma pitada*). Sciente.

HELENA.

Desde que voltei para a roça, a sua imagem não me
saiu mais do coração. Ai! o padre não sabe o que é o
amor!

Tollitur questio.

CASCAES.

HELENA.

Amo-o como só se ama uma vez.

CASCAES.

Deveras?

HELENA.

E Abel não tarda ali!

CASCAES.

Ali aonde?

HELENA.

Aqui.

CASCAES.

Ah! aqui?

HELENA.

Por um desses meios difficis que só lembram aos
namorados, Abel conseguiu que uma cartinha me che-
gasse ás mãos.

CASCAES.

Por meio de alguma pomba?

HELENA.

Agora apresentou-se candidato á cadeira de primeiras
letras cá da freguezia, fez exame e apanhou o logar.

CASCAES.

Mas, enfim, o que deseja de mim, dona Heleninha?

HELENA.

Sua protecção, repito. Abel é muito pobre e meu
padrinho e tutor, como vossa reverendissima sabe, só
quer casar-me com sujeito rico. Como vossa reverendis-
sima exerce certa influencia em dindinho, escrevi a Abel,
dizendo-lhe que o procurasse.

CASCAES.

A quem? Ao dindinho?

HELENA.

Nada! Ao padre. Peço-lhe que seja seu amigo e o
apresente a dindinho, ja se sabe: com alguma recom-
mendação. Ah! elle! sempre elle!

CASCAES.

Elle quem?

HELENA.

O caiporismo. Já estou ficando tia, e nada de novo!

CASCAES.

Tia, dona Heleninha! A senhora, tia! *Distingo!*

HELENA.

Si dindinho não consente em meu casamento com Abel, mato-me! (*Ouve-se rumor fora*).

CASCAES.

(*Depois de olhar á direita*) Ai, ai! quem vem allí! Está na terra aquelle vadio?!

HELENA.

Quem?

CASCAES.

O Pedrinho! vem deitar a freguezia de pernas para o ar! e com quo sucia! Entre, senhora dona Heleninha, entre....

HELENA.

Não se esqueça de mim, padre.

CASCAES.

Hei de fazer o possível. (*Helena entra na egreja.* Com toda a certeza o Nicolau abana as orelhas, mas tudo se ha de arranjar....

SCENA VII

CASCAES, PEDRINHO, BENJAMIM, JUCA
SÁ e RAPAZES VADIOS DA FREGUEZIA, DOS
QUAES UM TOCA FLAUTA E OUTRO VIOLÃO.

OS RAPAZES.

(*Entrando ruidosamente e envolvendo Cascaes.*) Ora viva o senhor vigario! viva! viva!...

PEDRINHO.

I

(*A Cascaes*) Na cidade me aborrecia:
as férias cá passar pois vim,
e trouxe em minha companhia
o Juca Sá e o Benjamim.(*Apresentando Juca Sá e Benjamim a Cascaes*).

O Benjamim e o Juca Sá!
que lh'os apresente consinta.

CASCAES.

Grande prazer é o que me dá!
Senhores, eu tenho a distincta....

PEDRINHO.

O Benjamim e o Juca Sá!

TODOS.

O Benjamim e o Juca Sá!
(*Dansam em volta de Cascaes*).

Tsing la la, tsing la la!
La ra la ra, la ra la ra!

PEDRINHO.

II

Sem mais extensos palanfrorios:
estudantes ambos e dois;
não passam dos preparatorios....
Hão de os fazer lá pra depois....
O Benjamim e o Juca Sá!
que lh'os apresente consinta.

CASCAES.

Grande prazer é o que me dá!
Senhores, eu tenho a distincta....

PEDRINHO.

O Benjamim e o Juca Sá!

TODOS.

O Benjamim e o Juca Sá!
(*Repetem-se com mais vivacidade as dansas*).

Tsing la la, tsing la la!
La ra la ra, la ra la ra!

(No fim das coplas, acha-se de novo Cascaes envolvido no grupo).

PEDRINHO.

Ora ouça o que aqui nos traz, senhor vigario: saltei do trem, ha pouco, com os meus dois collegas. Conhece-os? Apresento-lhe os senhores....

CASCAES.

Basta! basta! Veç já m'os apresentou por musica.

PEDRINHO.

Haviamo-nos reunido a esta rapaziada, quando vimos de longe negrejar a lunica de vossa reverendissima.—O que é aquillo?—O que?—Aquelle ponto negro?—Aquillo é o vigario!—Ah! é o vigario cá da freguezia? perguntou o Benjamim.—Como se chama? accrescentou o Juca Sá.—Cascaes, respondi eu.—Cascaes? o illustre Cascaes?!—E' o proprio.—Quero vê-lo de perto!—Queremos vê-lo!—E aqui estamos. *(A Benjamim e Juca Sá.)* Rapazes, aqui tem o vigario! Que tal o acham?

BENJAMIM.

Bom.

JUCA SÁ.

Muito bom.

CASCAES.

Meus bons amigos, a companhia é muito agradável, mas.... Com licença.... Os deveres de meu cargo estão a reclamar-me.

PEDRINHO.

Nada de ceremonias, senhor padre, nada de ceremonias; faça de conta que está em sua casa.... *(Cascaes entra na egreja.)*

SCENA VIII

PEDRINHO, BENJAMIM, JUCA SÁ e
RAPAZES.

BENJAMIM.

Então, não vamos á missa?

PEDRINHO.

Qual! Vocês ainda não viram a villa. Quero mostrar-lhes todas as curiosidades.

JUCA SÁ.

Ora! Na Matriz é que está o madamismo!

PEDRINHO.

O madamismo é uma das curiosidades, lá isso é....

BENJAMIM.

Nada conheço mais *curioso* do que a mulher.

PEDRINHO.

.... Mas teremos tempo de sobra para apreciar-o, com todos os *ff* e *rr*, em casa do senhor Pantalcão de los Rics.

BENJAMIM.

Quem é esse senhor Pantaleão de los Rios?

PEDRINHO.

É o delegado litterario da freguesia; um hespanhol que aqui reside ha muito tempo; está naturalisado brasileiro, e tem a mania de ser litterato.

BENJAMIM.

Nesse caso, é tambem uma das curiosidades?

PEDRINHO.

E. Acaba de promover nada menos do que uma festa litteraria!

BENJAMIM.

Uma festa litteraria? Conta-nos lá isso!

PEDRINHO.

Vocês hão de vêr. (*Ao da flauta*). O' Frederico, para que hora, está marcada a festa em casa do los Rios?

O DA FLAUTA.

Para o meio dia.

PEDRINHO.

Já vêm vocês que temos tempo de percorrer a villa.

BENJAMIM.

Siga a passeiata!

JUCA SÁ.

Viva a pandega!

PEDRINHO.

Olha essa musica! (*Os rapazes tocam. Solida ruidosa. Repetição do ultimo coro: Tsing la la, etc.*)

SCENA IX

ABEL, COM UMA MALLA NA MÃO, ACOMPANHADO DE UM NEGRO QUE TRAZ UM BARU' NA CABEÇA, depois CASCALES.

ABEL.

Então, é esta a casa do vigario? *(O negro affirma. Vejamos. (Vae bater a porta do vigario).*

UMA VOZ DE MULHER.

Quem é?

ABEL.

Sou eu. Está em casa o senhor vigário?

A VOZ.

Não, senhor: está ahí *apegado* na Matriz.

ABEL.

Obrigado. (*Dirigindo-se para a igreja*). Pelo que vejo, ha festa hoje por cá... (*Cascaes sahe da igreja, sem reparar em Abel*).

CASCAES.

(*Comsigo*). Está lá dentro um calor... Engrolei uma missa em tres tempos! Já tenho habituado este povo a ouvir missas *instantaneas*, como as fabulas do *Mosquito*. Agora está pregando o collega de Itapiry.

ABEL.

Vossa reverendissima não é o vigário cá da freguezia?

CASCAES.

(*Modestamente*). A' falta de homens....

ABEL.

Póde dar-me uma palavrinha?

CASCAES.

Estou ás suas ordens, mas... si se trata de ir confessar alguem muito longe da freguezia... Em dia de festa...

ABEL.

Não se trata disso. Primeiro que tudo, consinta que este preto vá deixar em sua casa aquelle bahú e esta malla....

CASCAES.

Mas....

ABEL.

Descanse. (*Dando a malla ao negro*). É por uma hora, si tanto. (*Ao negro*). Leva isso lá para dentro. (*O negro entra com a carga em casa de Cascaes*). Vossa reverendissima não recebeu uma cartinha de seu irmão, o senhor doutor Cascaes?

CASCAES.

Uma carta de meu irmão? Ha dois mezes que me não escreve! (*O negro sahe de casa de Cascaes: Abel vai ter com elle e dá-lhe dinheiro. Sahe o negro*).

SCENA X
ABEL e CASCAES.

ABEL.

Veja como são as coisas! Eu queria trazer a carta para entregar em mão propria.... E' uma carta de recommendação....

CASCAES.

Sciencie.

ABEL.

Mas o doutor Cascaes me disse que seria melhor viesse a carta adiante, porque, assim, vossa reverendissima preparar-se-ia para receber-me. Mas não importa!

CASCAES.

(*Apontando para a direita*). Olhe, alli vem o caixeiro do agente do correio; talvez traga a carta.

ABEL.

Queira Deus que assim seja.

SCENA XI

OS MESMOS e UM EMPREGADO DO CORREIO.

O EMPREGADO DO CORREIO.

(*Entrando. A Cascaes*). Seu padre mestre, a bençam? O patrão manda pedir-lhe muitas desculpas, por não lhe ter mandado entregar logo esta carta. Estava mettida entre outros papeis, e ninguem deu por ella.

CASCAES.

Está bom, dê cá. (*A Abel*). E' a historia eterna de nossos correios.

O EMPREGADO DO CORREIO.

Passar bem, seu padre mestre.

CASCAES.

Vival (*O empregado do correio sahe*). E' na verdade, letra de meu irmão. Como está elle? Bem? Gordo?

ABEL.

Bem gordo. (*Vendo que Cascaes arranca o sello da carta e guarda-o*). Para que guarda isso?

CASCAES.

Eu faço collecção de sellos....

ABEL.

Ah !

CASCAES.

(Abrindo a carta.) Dá licença ?

ABEL.

Essa é boa...

CASCAES.

(Lendo, com acompanhamento na orchestra).

« Com a saúde que se quer
 vá te achar esta cartinha,
 pois vae menos mal a minha,
 como a de minha mulher.
 Para essa freguezia
 nomeado professor,
 para lá segue o o senhor
 Abel de Souza Faria. *(Abel comprimenta).*
 A amizade que me tem
 a apresentar-t'o me impelle :
 o que fizeres por elle
 a mim me farás tambem.
 Um verdadeiro romance
 has de ouvir de meu rapaz,
 e, nesse ponto, far-lhe-as
 o que fôr a teu alcance.
 Sem assumpto para mais,
 — sou teu irmão obrigado,
 venerador e criado,
 Ambrosio Telles Cascaes. » *(Cessa a musica).*

Quanto ao romance de que me falla meu irmão, sciente.
 A senhora dona Heleninha contou-me tudo. Antes desta
(Mostra a carta) já tinha recebido a sua recommen-
 dação.

ABEL.

E então ? O que acha vossa reverendíssima de tudo
 isto ? Venço ou não venço ?

CASCAES.

Não vence. Asseguro-lhe que o senhor não vence. A
 victoria estará sempre do lado do Nicolau, o padrinho e
 tutor de dona Heleninha.

ABEL.

Mas, reverendo, esse homem não me conhece! Nunca
 lhe pedi, nem elle me recusou coisa alguma !

CASCAES.

Senhor Abel, eu não sou homem de paliativos. Gosto das coisas — anda mão, enfia dedo. Si o senhor fôr pedir ao Nicolau a mão da afilhada, não ganha terreno; perde, ao contrario: escabreia o homem! O Nicolau de vez em quando retira-se de casa e vae passar um, dois, tres dias na fazenda. Deixa a casa entregue á afilhada e a afilhada aos fámulos.

ABEL.

Deveras?

CASCAES.

Deveras. Na primeira occasião que se offerecer, tire a menina de casa e traga-a cá, que os caso.

ABEL.

Mas o Nicoláu é capaz de zangar-se com vossa reverendissima.

CASCAES.

Deixe estar, eu cá me arranjo... Todo o meu desejo é unil-os, e para isso, envidarei bons esforços. Agora, diga-me cá: é certo que se fez mestre-escola só para estar perto de sua pretendida?

ABEL.

Assim foi... Olhe que sempre fui muito atrevido!

CASCAES.

Como assim?

ABEL.

Não entendo patavina da materia em que fui examinado.

CASCAES.

Está brincando. Isso pôde lá ser!

ABEL.

Duvida, reverendissimo? Não sabe o que é o empenho?

CASCAES.

Não sei, não sei! Pois si não fosse elle, o empenho, teria eu esta modesta congrua?

ABEL.

Pois o empenho e o amor fizeram responder a perguntas de grammatica áquelle que nem por fóra a conhecia!

CASCAES.

Horresco referens!

ABEL.

Sabe quem foi um de meus examinadores? Adivinhe.

CASCAES.

Quem foi?

ABEL.

(A rir). Seu irmão.

CASCAES.

O Ambrosio! Ah! Ah! Ah!... (Dando uma pancadinha no ventre de Abel, e arrependendo-se, gravemente).
Oh! Perdôe.

ABEL.

Ouçã e pasme!

RONDÓ.

Quando fiz o meu exame,
veio ter commigo o doutor
e disse: — Nada de vexame!
Sou seu examinador.... —

Olaré! que os professores
assim feitos é que são!
Com taes examinadores
fazem sempre um figurão!

— Este nome, elle me disse,
que valor é que aqui tem?
Respondi-lhe uma tolice,
mas valeu-me um — Muito bem!

A mais de um adjectivo
eu chamei de conjunção;
o verbo era substantivo,
e o adverbio interjeição!...

Olaré! tantas sandices
de mim proprio nunca ouvi!
Olaré! mil parvoices
disse, disse e repeti....
Repeti, e repeti!...

O auditorio, de espantado,
muita vez fazia assim: (*Abre a bocca*).
mas eu, muito socegado,
'stava bem senhor de mim!
Oh! que exame esbodegado!
Oh! que exame malandrim!

O doutor estava calmo,
mas assim como quem diz:
— Elle nao encherga um palmo
adiante do nariz....—
Olaré! que vale o estudo,
si o patau consegue tudo
o que quer em meu paiz?

Approvado plenamente,
minha carta, emfim, tirei,
e venho escandalosamente,
ensinar o que não sei!

Olaré! minha pequena
bem contente vae ficar!
Olaré! Abel, Helena
afinal se vão junctar!

CASCAES.

(Apertando-lhe a mão). Muito bem! Fez uma bellissima figura! Os meninos cá da freguezia sabem, felizmente para o senhor, distinguir o adjectivo do substantivo. E' o que lhe vale. Aprenderá com elles.... *(Apparece Philomeno de novo na torre, e põe-se a repicar)*. Heim? Está acabado o sermão? Depressa! *(A Abel)*. Vae ter o prazer de ver dona Heleninha.

(Musica na orchestra; sahem os que tinham entrado na igreja, dispersam-se e desaparecem. Helena sahe por ultimo, acompanhada sempre por Marcolina).

SCENA XII

CASCAES, ABEL, HELENA, MARCOLINA e
POVO.

CASCAES.

(Baixinho a Abel, apontando para Helena). *Audaces fortuna juvat!* *(Entra em sua casa. O povo tem desaparecido completamente)*.

SCENA XIII

ABEL, HELENA, MARCOLINA, depois
CASCAES.

ABEL.

(Correndo para Helena). Helena!

HELENA.

(Tomando-lhe as mãos). Abel! (Permanecem embevecidos, a olhar um para o outro).

MARCOLINA.

(Depois de alguma pausa). Yayá! (Aparece Cascaes á janella de sua casa).

HELENA.

Abel!

ABEL.

Helena!

CASCAES.

(Comsigo). A bella Helena.... ha uma tragedia com este titulo.

MARCOLINA.

Yayá, vamo p'ra casa.

HELENA.

Vae esperar alli na esquina.

MARCOLINA.

Depois sinhô velho me ralha....

HELENA.

Vaes ou não vaes?

MARCOLINA.

Tá bom! depois não quero cumo chama.... (Sahe).

SCENA XIV

ABEL, HELENA, e CASCAES, Á JANELLA.

ABEL.

Finalmente estamos sós.

HELENA.

Não imaginas como estou satisfeita!

ABEL.

Mas a minha presença não basta, minha bóa Helena.... Teu padrinho, segundo me informou nosso reverendo protector, é o homem mais inexoravel desta vida.... Em vez de buscar ardis que podem falhar, o melhor seria darmos logo.... o golpe de estado!

HELENA.

Como o golpe de estado?

ABEL.

A fuga!

HELENA.

A fuga!

ABEL.

Fujamos, sim! Fujamos para bem longe, onde não nos possa chegar aos ouvidos a maldição importuna que elle te ha de lançar! gozemos de nosso amor no meio das florestas, ao ciciar da brisa, ao arrular da rôla, ao murmurar da cascata....

CASCAES.

(*Comsigo.*) *Tityre, tu patulæ recubans....*

ABEL.

Fujamos, sim! Oh! não me digas que não! Não tragas o desespero a este coração que é teu, só teu, e que despedaçarias, si o contrariasses, Helena!

HELENA.

Mas o que dirá dindinho, a quem devo tantos favores?... a unica pessoa que me tem valido neste mundo, e que, apesar da vontade que quer exercer em meu destino, ama-me como si fosse meu pae?

ABEL.

E o que dirá teu amante? O que dirá aquelle que, por teu respeito, deixou os prazeres ruidosos da corte, para sepultar-se na roça?... Que, por teu respeito, expõe-se a apanhar uma carga de chumbo, ou, pelo menos, uma dita de pau, de algum malfeitoir, peitado por teu dindinho?... Que, por teu respeito, confundiu adverbios com substantivos diante de um auditorio, que sabia distinguir substantivos de adverbios?...

HELENA.

Meu Abel!

ABEL.

Oh! mas o que importa? Eu, nesse momento, só pensava em ti. Quem pôde saber grammatica, quando sente o coração invadido pelo amor? Quem pôde amar quando tem a cabeça sublocada pela grammatica?

CASCAES.

(*Aparte.*) *Coitadinho....*

HELENA

Como es bonito, Abel!

ABEL.

(*Com faceirice.*) Helena!

CASCAES.

(Arremedando-o). Ai, gentes!

HELENA.

Deixa ver-te de perfil.... Vira-te um poucachito....
De tres quartos agora.... Como és lindo, meu bem!
Agora do outro lado.... Este signzinho dá-te uma
graça.... Levanta a cabeça.... Não abras a bocca....
Admiravel!

ABEL.

Mas, afinal de contas, em que ficamos?

HELENA.

Ficamos em que estou por tudo que quizeres.

ABEL.

Bem, faremos por afastar teu padrinho, e, vendo-o
pelas costas....

HELENA.

O golpe de estado!

SCENA XV

OS MESMOS e MARCOLINA.

MARCOLINA.

Yayá, yayá, vamos embora!

HELENA.

Tens razão, Marcolina. *(Dá a mão a Abel)*.

ABEL.

Até sempre, Helena... *(Pausa)*. Adeus!

HELENA.

(Vae sahindo e volta). Ôlha: si a desgraça....

MARCOLINA.

Yayá!

HELENA.

(De máu humor, a Marcolina) Espera, diabo! *(A Abel)*.
Ôlha: si a desgraça fôr persistente....

ABEL.

Morramos junctos! *(Helena retira-se, acompanhada
por Marcolina. Abel entra em casa de Cascaes, que
fica só, á janella)*.

CASCAES.

*(Levantando as mãos para o céu). Improbis amor,
quod mortalia pectora cogis!*

MUTAÇÃO

QUADRO SEGUNDO

SCENA UNICA

CASCAES, PEDRINHO, BENJAMIM, JUCA
SÁ, e povo, depois, e successivamente,
GOES & COMPANHIA, ALFERES AN-
DRADE, NICOLAU, HELENA, PANTALEÃO,
QUATRO MUSICOS ITALIANOS, depois ABEL,
e afinal UM FEITOR.

CÔRO E MARCHA

Chega, chega, minha gente,
à casa do intelligente
litterato Pantaleão!
Muita comida e bebida
(Isto é coisa decidida!)
deve haver nesta funcção.

*(Durante o côro collocam dois negros algumas cadeiras á
direita).*

GOES & COMPANHIA.

I

(Entrando). Somos Goés & Companhia,
qualquer mais cotó!

GOÉS.

Nós nos vimos um bom dia
lá no Cabrobó.

COMPANHIA.

Desde então — quem tal diria?
somos dois e um só!

CÔRO.

Eis os Goés & Companhia
qualquer mais cotó!

ALFERES ANDRADE.

II

(*Entrando*). Eis o alferes Andrade,
que vem se mostrar!
Incompatibilidade
entre o militar
e o escriptor, em verdade,
ninguem pode achar!

CÔRO

Eis o alferes Andrade,
bravo militar!

NICOLAU.

(*Entrando com Helena, que vai sentar-se á direita*).

III

Eis o padrinho de Helena!
Eis o Nicolau!
Quero casar a pequena,
porém, sem... (*Signal de dinheiro*).
babá u!

Mas emfim não vale a pena
me fazer de máu. (*Senta-se ao lado de
Helena.*)

CÔRO.

Eis o padrinho de Helena!
Eis o Nicoláu!

PANTALEÃO.

(*Entrando*). Este pimpão litterato
é o Pantaleão!
Vou dar, sem espalhafato,
uma reunião,
só para vér si combato
o ignorantão!

CÔRO.

Este pimpão litterato
é o Pantaleão!

REPETIÇÃO DO CÔRO

Chega, chega, minha gente, etc.

(*Durante o côro, tomam todos logares. O povo e os mu-
sicos no fundo. Entra Abel e confunde-se com o povo.*)

PANTALEÃO.

Está aberta a sessão! Tem a palavra, como presidente desta reunião, meu amigo, compadre....

PEDRINHO.

.... e quasi parente....

PANTALEÃO.

.... senhor Nicolau Madureira.

NICOLAU.

Ergue-se. Pausa. Meus senhores e minhas senhoras.... Não! Quero dizer: Minhas senhoras e meus senhores.... (As mulheres primeiro, depois os homens).... Eu não estou acostumado.... eu não tenho o habito.... eu não tenho o habito de fallar em publico.... (Por esse lado nunca irei á gloria).... Meus senhores.... Minhas senhoras e meus senhores.... Não!... meus.... minhas.... eu não tenho o habito de fallar em publico.... de fallar em publico.... em publico....

ALFERES ANDRADE.

Esta bom! Já se sabe!

NICOLAU.

Minhas senhoras e meus senhores, eu não tenho o habito de fallar em publico.... eu não tenho o habito.... (*Hilaridade. Nicolau protesta*).... o habito da rosa! (*Baixo a Helena*). Isto foi para não dizer sempre a mesma cousa.... (*Aos circumstantes*). Eu não tenho a pratica.... (*Satisfeito por ter achado outro termo*). A pratica! a pratica!... Eu não tenho a pratica das lides oratorias.... Consenti, minhas senhoras e meus senhores, que eu presida sem fallar e que aqui o compadre Pantaleão falle sem presidir. (*A Pantaleão*). Compadre, restituo-lhe a palavra! Mande vir um copo de agua para molhar a minha. (*Pantaleão faz um signal a um negro, que sahe. Nicolau senta-se. Silencio*).

PEDRINHO.

Falle o dono da casa!

TODOS.

Apoiado! (*O negro volta; traz uma bandeija com dous copos d'agua. Nicolau serve-se de um e Pantaleão toma conta de outro*).

PANTALEÃO.

(*Erguendo-se e deitando o copo sobre a cadeira em que estivera sentado*). Povos desta freguezia, nao é a

uma festa vulgar que aqui vindes assistir! Não se trata de baptisar alguma criança,, isto é, de encher o pandulho á minha custa! (*Bebe um gole d'agua*).

PEDRINHO.

Mesmo porquê, si houvesse regabofes, a entrada não seria franca....

BENJAMIM.

Não interrompas o orador! Adiante!

PANTALEÃO.

Este dia é especialmente consagrado ás coisas da intelligencia! Nós temos capitalistas, proprietarios, fazendeiros, negociautes, etc.; mas, ah! não temos litteratos!....

TODOS.

Apoiado! Apoiado!

PANTALEÃO.

Esta freguezia embrutece-se! (*Bebe novo gole d'agua*).

TODOS.

Apoiado! Apoiado!

PEDRINHO.

viva adhesão!

PANTALEÃO.

(*Apontando para Pedrinho, Benjamim e Juca Sá*). Aqui estão estes senhores: tres estudantes, isto é, tres homens do futuro! Os moços que a patria contempla com alguma esperanza, que vivem mais em contacto do que nos com a litteratura, que são da côrte, que o digam: Meninos.... mancebos! em algum dos que aqui estão achaes uma physionomia, que indique as longas noites de insomnia, passadas na companhia amiga de um bom livro?

PEDRINHO.

(*A Benjamim e Juca Sá*). Vamos procurar! (*Examinam, cada um de seu lado, as caras dos circumstantes e voltam a seus logares. O Alferes Andrade fica muito despeitado.*) O senhor vigario é o que tem melhor cara.

BENJAMIM.

Nem uma olheira!

JUCA SÁ.

Nada!

PANTALEÃO.

E, caramba! isto é uma pouca vergonha!... (*Com o caramba! de Pantaleão alguns se assustam. Góes & Companhia, que estavam a cochilar, cahem sentados. O alferes desembainha instinctivamente a espada. Restabelece-se o silencio.*) Afim de descobrir entre nós os homens de talento, foi que instituímos este concurso. Todos, sem distincção alguma, serão igualmente admittidos. (*Bebe outro gole d'agua.*) São tres as provas de hoje: decifrar uma charada, responder a uma pergunta enigmatica e glozar um motte! Quem glozar o motte, responder á pergunta e decifrar a charada, receberá das mãos da senhora dona Helena, este livro.... (*Entrega a Helena um exemplar impresso da Filha de Maria da Angú.*)

PEDRINHO.

E que livro é esse? Dá licença? (*Toma o livro e lê o titulo.*) *A filha de Maria Angú.*

ALFERES ANDRADE.

Ora viva! Uma parodia! uma parodia!....

PEDRINHO.

E o que tem que seja uma parodia?

ALFERES ANDRADE.

Via representar.... E' a maior bagaceira.... (*Com energia, puchando pela espada.*) E não me digam que não é!....

NICOLAU.

Quem foi que disse, seu alferes? Guardo a durindana, homem!

ALFERES ANDRADE.

E assim é que o senhor Pantaleão de los Rios quer fazer litteratos: dando-lhes de presente *A filha de Maria Angú!*

PEDRINHO.

Não seja tolo, seu alferes!

ALFERES ANDRADE.

Tolo! (*Tirando a espada.*) Isso é sério?

PEDRINHO.

Muito sério!

ALFERES ANDRADE.

(*Embainhando a espada.*) Eu logo vi! Commigo ninguém brinca....

NICOLAU.

Ora alli está uma espada de que não se pôde dizer: — Nunca sabiu da bainha.

PANTALEÃO.

Eu continuo! Meus senhores, animo! Puchae pela intelligencia! Disputae gloriosamente *A filha de Maria Angra!* (*Aos musicos*). E vós illustres *maccaroni*, fazei vibrar as cordas de vossas harpas e rabecas! (*Bebe aguz*).

TODOS.

Apoiado! A musica! a musica! (*A musica toca desadadamente*).

NICOLAU.

Excelente orchestra compadre!

PANTALEÃO.

Mãe duzia de *maccaroni*, que estão de passagem na freguezia... Tocam regularmente... (*Outro tom*). Vamos principiar a lueta da intelligencia. (*Tirando do bolso um periodico*). Neste numero da *Gazeta de Noticias* acha-se a charada. (*Tirando outro periodico*). Neste, a decifração. (*Dando uma das Gazetas a Nicolau*). Leia compadre: é a que está marcada á margem.

NICOLÁU.

(*Lendo*). «Assumptos do dia... Houve grande rolo hontem na rua de S. Jorge... *A feiticeira vermelha...*» Não é isso! «O nosso amigo...» Onde esta? Ah! «Charadas» Cá está ella! (*Lendo*). «Uma, tres. Tomo esta fazenda e sento-me nella; tem graça!»

PEDRINHO.

Convem observar que a charada é da novissima reforma; portanto «Tomo esta fazenda...»

ALFERES ANDRADE.

(*Triumphante*). Eu sei, eu sei!... Eu sei o que é!...

PANTALEÃO.

(*Em tom de zombaria*). Então você sabe o que é?

ALFERES ANDRADE.

Sei! Quem é que diz que não sei?... (*Tirando meia espada*). «Tomo esta fazenda... (*Aponta com malicia para Helena*). Ora, quem ha de ser a fazenda?

PANTALEÃO.

Isso é de mau gosto, seu alferes. Está enganado! Vamos: « Tomo esta fazenda, uma... »

GÓES.

Uma... uma o que?

PANTALEÃO.

Uma syllaba! E' bôa!

GÓES.

O que? A syllaba?

COMPANHIA.

Não; elle disse — E' bôa —, assim como quem diz — E' burro.

PANTALEÃO.

Tomo esta fazenda, uma; sento-me nella, tres....

GÓES.

Tres o que?

COMPANHIA.

Cala-te.

PANTALEÃO.

O conceito:— Tem graça....

GÓES.

Não acho.

NICOLAU.

(*Repetindo, de mau humor.*) « Uma, tres. Tomo esta fazenda e sento-me nella; tem graça! »

PANTALEÃO.

Vamos! vamos! E' de matar no ar.

GÓES.

COMPANHIA.

ALFERES ANDRADE.

Mosca!

Pilheria!

Parodia!

PANTALEÃO.

Falla cada um por sua vez! Quem disse — mosca?

GÓES.

Fui eu.

PANTALEÃO.

Como é que explica?

GÓES.

O senhor disse que era de matar no ar. O que é que se mata no ar? (*Como quem mata uma mosca.*) Mosca...

NICOLAU.

Mosca me parece você.

PANTALEÃO.

Quem disse pilheria?

COMPANHIA.

(Timidamente). Fui eu, mas retiro a expressão.

ALFERES ANDRADE.

Eu disse parodia! E é! e é! O que é que tem graça? Parodia! *(Murmurios)*.

PANTALEÃO.

Venham outros! Então? Ninguém? *(Todos se põem a pensar. Cascaes, Pedrinho e Pantaleão são os únicos que observam)*.

ABEL.

(Apresentando-se). Dá licença?

PANTALEÃO.

Pois não! A entrada é franca! *(Aparte)*. Quem será?

NICOLAU.

Decifrou a charada? *(Aparte)*. Quem será?

ABEL.

Sim, senhor. Tomo esta fazenda, brim; sento-me nella, cadeira....

ALFERES ANDRADE.

(Interrompendo). Brincadeira! brincadeira! Achei

ABEL.

Brincadeira, sim.

ALFERES ANDRADE.

(Triumphante). Fui eu que disse!

PANTALEÃO.

Seu alferes, está ficando insupportavel! Cale-se!

ALFERES ANDRADE.

(Tirando a espada). Insupportavel! Retire a expressão!

PANTALEÃO.

Ora, deixe-se disso.

ALFERES ANDRADE.

(Tranquillamente). Está bom. *(Guarda a espada)*.

HELENA.

(Satisfeita, aparte). Foi elle, foi elle!

NICOLAU.

O que tem você, menina? Parece estar sentada em alfinetes!

PANTALEÃO.

Toque a musica! (*Musica dos italianos.*) Vamos agora á pergunta enigmatica. (*Dando um papel a Nicolau*). Leia, compadre.

NICOLAU

(Lendo). « Que differença ha entre o senhor vigario e um rei? »

ALGUNS.

Nenhuma! nenhuma!

CASCAES.

Como nenhuma?

ALFERES ANDRADE.

(Triumphante). Nenhuma! nenhuma!... Desta vez achei!

GÓES.

Eu sei: é que o senhor vigario diz missa e um rei ouve.

COMPANHIA.

É que um rei é barbado e seu vigario não é. (*Apparece Abel*).

HELENA.

Elle! elle!...

NICOLAU.

O que é isso, menina? (*A Abel*). O senhor sabe a differença?

ABEL.

Sim, senhor.

NICOLAU.

(Aparte). Este diabo tem cabeça!

ABEL.

Deixae dizer-vos, senhores,
que a differença é bem certa:
o rei tem crôa fechada
e o padre tem crôa aberta.

TODOS.

Muito bem! Muito bem! (*Abel é cumprimentado*).

PANTALEÃO.

Um bello improvise!

PEDRINHO.

Toquem a musica! (*Os italianos obedecem*).

PANTALEÃO.

Agora o molte: (*Dando outro papel a Nicolau*). Compadre, leia....

NICOLAU.

Eis o molte. (*Lendo*). « Meu bem será sempre meu. »

ALFERES ANDRADE.

Ora, isto é facil! Eu já adivinhei!

PEDRINHO.

Adivinhou o que, seu alferes?

ALFERES ANDRADE.

Adivinhei o molte!

PEDRINHO.

(*Aparte*). Forte bruto! (*Alto*). Pois diga.

ALFERES ANDRADE.

(*A Nicolau*). Como é a adivinhação?

NICOLAU.

Que adivinhação?

ALFERES ANDRADE.

O molte.

NICOLAU.

(*Massado*). « Meu bem será sempre meu. »

ALFERES ANDRADE.

(*Depois de reflectir, com emphase*).

Eu juro por tudo quanto ha de mais sagrado,
eu juro por meu pobre pae que ha muito ja morreu.
que meu bem será sempre meu!

PEDRINHO.

Póde limpar as mãos á parede!

PANTALEÃO.

Isso não são versos, meu amigo!

ALFERES ANDRADE.

Então o que são?

PEDRINHO.

Ora cale-se ! (*Gesto do alferes Andrade*).

COMPANHIA.

Da licença ?

PANTALEÃO.

Diga.

COMPANHIA.

(*Com lyrismo*). Na brisa de meus ardores,
dos bellos anjos de Deus,
cahe uma fonte nas flôres,
meu bem será sempre meu.

PANTALEÃO.

(*Levanta-se uma pausa. A Nicolau*). Você entendeu,
compadre ?

NICOLAU.

Humem, não entendi.... mas os versos me parecem
harmoniosos....

PANTALEÃO.

Tenha paciencia : repita.

COMPANHIA.

(*Com certo re- Na brisa de meus ardores,
ceio*). dos bellos anjos de Deus....

PEDRINHO.

cahe uma fonte nas flôres,
meu bem será sempre meu.

É harmonioso, mas não tem sentido. Você hade fazer
eschola, você ha-de fazer erschola !

GÔES.

(*Avançando timidamente*). Brincadeira !

PANTALEÃO.

Saia, saia ! (*Abel apparece*).

HELENA.

Elle outra vez ! Elle !

NICOLAU.

O que é isto, menina ?

ABEL.

Dirijo-me ao senhor Nicolau Madureira e a esta inte-
ressante senhora....

HELENA.

Falle, falle !

NICOLAU.

Menina !

ABEL.

.... e digo :

Que importa um tutor das duzias,
 um desalmado tutor
 as suas bençams recuse-as
 a meu puro e casto amor,
 si no peito casto e puro
 um coração tenho eu,
 porque baixinho murmuro :
 — no presente e no futuro
 meu bem será sempre meu !

TODOS.

Muito bem ! muito bem !

HELENA.

(Depois das mais). Muito bem !

NICOLAU.

Menina !

PANTALEÃO

O que diz dos versos, compadre ?

NICOLAU

Homem, aquella allusão aos tutores.... Isso quanto
 á essencia. Quanto á forma, não ha o que se lhe diga.

PANTALEÃO

(Dirigindo-se a Abel). Dou-lhe sinceros parabens, se-
 nhor.... Como se chama ?

ABEL.

Abel de Souza Faria.

PANTALEÃO

Ah ! então é o professor, cuja nomeação me foi com-
 municada, como delegado litterario que sou?....

ABEL.

Sou eu mesmo.

PANTALEÃO

Então, viva o novo professor !

TODOS.

Viva ! Viva ! Toca a música ! Viva !

FINAL.

CÓRO.

Bravo, meu caro professor!
Do premio foi merecedor!
Bravo, meu caro professor.

ALFERES ANDRADE.

(Com raiva).

Eu fiz figura má....

PANTALEÃO.

Caramba! me venceu!....

ABEL.

O premio! venha o premio! O vencedor fui eu!

TODOS.

Venceu!

HELENA.

(A' parte). Mette Abel, por ser tão bello,
a todos n'um chinelo!

ABEL.

Venha o meu premio!

TODOS.

Venha esse premio!
sem mais proêmio!

HELENA.

Pois um ditado,
muito acertado,
o prometido
diz que é devido.

TODOS.

Demos-lhe o premio!

NICOLAU.

(Amavel) Ha de deixar que o presidente
á Abel. sinceramente
o cumprimente....
Folguei de descobrir
que tem illustração
quem vem distribuir
a publica instrucção
nesta povoação.

(A Helena). Olha esse premio que saia!

HELENA.

O premio aqui está! *(Nicolau tropeça).*
Não caia!

TODOS.

(*Emquanto o livro é entregue por Helena a Abel*).
Bravo, meu charo professor! etc.

NICOLAU.

(*A Abel*). A's suas ordens nossa casa está.
Sem cerimonia, pois não ha senhora,
vá hoje mesmo jantar lá.

HELENA.

(*Com sentimento*). Nós jantamos ás tres horas....
Para a meza vamos ás tres horas....

ABEL.

(*Cortezmente*). Eu pontual serei;
ás tres horas não faltarei.

HELENA.

(*Aparte*). Ail que prazer o meu!...
Jantar ao lado seu!

CASCAES.

(*Baixo á Abel*). Então, está contente?

ABEL.

(*Baixo á Cascaes*). Mais estaria, certamente,
si o Nicolau stivesse ausente!
de nós afaste este sandeu,
conforme já me prometeu.

CASCAES.

(*No mesmo*). Ainda não: depois....
Não passe de nós dois....
(*Ouvem-se fora vozes confusas e tropel de animal*).
Ouço um rumor confuso!

PANTALEÃO.

Estranhos ruidos,
milhões de alaridos
a nossos ouvidos
eu sinto morrer!

TODOS.

Nós todos ouvimos,
nós todos sentimos,
mas não descobrimos
o que possa ser!....

O FEITOR.

*(Entrando
pelo fundo).*

Eu caio aqui como uma bomba,
para trazer noticia má!
Seu Nicloau, não faça tromba!

TODOS.

Vamos ouvir.... O que será?!

NICOLAU.

(Declamando). E' o feitor lá da fazenda!

O FEITOR.

Vim a galope de longe anunciar
um caso de espantar!
Oh! que desgraça horrenda!
Houve levantamento
e muito violento....

NICOLAU.

(Declamando). Aonde? quando, homem de Deus?

O FEITOR.

Esta manhã, lá na fazenda!

NICOLAU.

Bom! vou partir p'ra fazenda!

HELENA. . .

Dindinho, vá para a fazenda!

ABEL.

(A Cascaes). Então, que diz? Nem de encommenda!

NICOLAU.

Que massa! partir para a fazenda!

ALFERES ANDRADE.

Vá s'embora p'ra fazenda!

TODOS

(Cercando Nicolau). Vá p'ra fazenda!

Vá, vá!

vá já!

HELENA.

Vá já, meu dindinho;
é bom o caminho.....

(Comsigo).

Ah! Ah!....

Vae-se o dindinho de Helena,
e ella vae ficar....

Ai! com certeza a pequena
 ha de aproveitar....

Sim, porque não vale a pena
 desaproveitar....

Vae-se o dindinho de Helena;
 Helena vae ficar!

TODOS.

(A Nicolau). Vá p'ra fazenda!
 Vá, vá!
 Vá já!

ABEL.

Senhor, attenda:
 Vá p'ra fazenda!
 Não se arrependa!

TODOS.

Vá sem tardar,
 sem demorar!

Corre! corre, ó Nicolau!
 Segue! segue o teu feitor!
 Corre! corre tudo a pau!
 Volta! volta vencedor!

(Durante o côro, carregam Nicolau com um grande capote,
 mala, guarda chuva, botas de montar, chicote e cha-
 peu de palha. Despedidas de Nicolau e Helena. Cae
 o panno).

ACTO SEGUNDO

QUADRO TERCEIRO

O VISPORA.

Sala de engommar em casa de Nicolau. Ao fundo, porta, deitando para o quintal, e no meio de um parapeito com janellas envidraçadas. Portas lateraes. Canapé á direita. Na taboa de engommar, ao fundo, está estendida uma paça de roupa branca. Cadeiras. E' noite.

SCENA PRIMEIRA

HELENA, MARCOLINA e MOÇAS.

(Helena está tristemente sentada no canapé, rodeada pelas moças. Marcolina engomma).

CÓRO DAS MOÇAS.

Por que razão, ó dona Helena,
tão triste está que causa pena?
Diga-nos já, e ao seu penar
talvez possamos consolar.

MARCOLINA.

(*Deixa o seu trabalho e vem tambem para junto de Helena*). Yayá, não 'steja assim tão triste.

HELENA.

Meu Deus! Meu Deus! o meu coração não resiste
a tamanha dôr,
a tanto dissabor!
Eu desejava neste instante
a solidão corroborante;
portanto, si de mim tiverem dô,
dois minutos ou tres deixem-me só....

BIBLIOTHECA THEATRAL

MARCOLINA.

Mas quem 'stá assim amargurada,
deve se vêr acompanhada.

CÓRO DAS MOÇAS.

Fique só, já que não quer, ó dona Helena,
nos confiar a sua pena.

Sim, como quer senão esiar,
vamos embora sem tardar.

(As moças retiram-se pela esquerda. Marcolina põe-se
de novo a engommar, cantarolando alguma cantiga
da roça).

SCENA II

HELENA e MARCOLINA.

HELENA.

Marcolina?

MARCOLINA.

(Deixando o trabalho). Yayá?

HELENA.

Cala-te!

MARCOLINA.

Yayá não vae p'ra sala?

HELENA.

Não.

MARCOLINA.

Yayá, isso não é bonito! As moças vêm visitar vo-
cem'cé e voçem'cé pede a ellas que se retire! Os bran-
cos tudo rumado lá na sala e voçem'cé não vae p'ra lá!
Ué!

HELENA.

Quem é que lá está dentro?

MARCOLINA.

Seu Pantaleão, seu arfere, seu Pedrinho, aquelles dois
estudante da cidade, aquelles dois logista da rua do
Imperadô, e que andam sempre como unha com carne,
e mais um punhadô d'elles. Tã tudo na sala, e voçem'cé
mettida na sala do engommado, no logar das pretas...

HELENA.

Essa gente toda, si aqui vem, não é por minha causa,
mas por amor do vispora.

MARCOLINA.

Vocem'cê deve ir conversar com elles, porque sinhô velho tá na fazenda.

HELENA.

Cala-te.

MARCOLINA.

Yayá, arrefrita....

HELENA.

Essa gente toda me aborrece....

MARCOLINA.

Mas o que quer?

HELENA.

Si me favorecessem com sua ausencia....

MARCOLINA.

Sinhô véio, quando vortá, não ha de gostá dessa farta de cumo chamal

HELENA.

Não quero sentenças, ouviu?

MARCOLINA.

Tá bom, tá bom....

HELENA.

Vá para a cosinha!

MARCOLINA

(*Aparte*). Cabeça della tá virada por aquelle marreco dess'outro dia.... (*Vae sahindo, e olha para o quintal*). Então? Quando uma coisa me parpita.... (*Alto*). Yayá?

HELENA.

O que é? Ainda ahi estás?

MARCOLINA.

Faça favô de vim na jinella; veja quem tá alli....

HELENA.

(*Erguendo-se pressurosa*). Aonde? aonde?

MARCOLINA.

No quintal.... (*Aparte*). O moleque sartou pelo muro....

HELENA.

(*Chegando-se á vidraça*). Quem é? (*Vendo*). Ah!....

MARCOLINA.

O que yayá vae fazê?

HELENA.

(Comsigo). Meu Deus! meu Deus! dae-mê forças!

MARCOLINA.

Yayá vae mandá elle entrá?

HELENA.

(No mesmo). O' céus! não posso sustentar por mais tempo esta lucta entre o amor e o dever.... E nada me lembra... nada me occorre.... Não tenho uma pessoa que me ouça, que me aconselhe.... *(Com uma idéa)*. Ah!

MARCOLINA.

(Aparte). Hoje é dia dos ah! Yayá já sortou dois....

HELENA.

Vae ao quarto de dindinho e traze o seu retrato, que esta pendurado na parede,

MARCOLINA.

O retrato?

HELENA.

Sim! Avia-te!

MARCOLINA.

Mas o que yayá vae fazê com o retrato de sinhô véio?

HELENA.

Não tenho que dar satisfações! Vá e volte já!

MARCOLINA.

Tá bom, tá bom! *(Aparte, sahindo)*. Um.... *(Sahe)*.

SCENA III

HELENA.

Talvez que, tendo presente a imagem daquelle que eu desejava estivesse presente, possa evitar as seducções daquelle que eu estimava fosse o meu futuro. Ah! meu Deus! fiz um trocadilho no estado em que me acho!

SCENA IV

HELENA e MARCOLINA.

MARCOLINA.

(Trazenão um enorme retrato de Nicolau). Aqui está!

HELENA.

Bom. Deita-o sobre aquella cadeira. (*Marcolina obedece*).
Fecha aquella porta.

MARCOLINA.

(*Hesitando*). P'ra que, yayá?...

HELENA.

(*De máu humor*). Fecha aquella porta!

MARCOLINA.

Tá bom.... (*Vae fechar a porta da esquerda*).

HELENA.

Retira-te.

MARCOLINA.

O que é que yayá vae fazê?

HELENA.

Não é de tua conta.

MARCOLINA.

Mas sinhô véio....

HELENA.

Já viram desavergonhada mais teimosa?

MARCOLINA.

Yayá vae pintá o sete, e depois....

HELENA.

Heim?

MARCOLINA.

Tá bom; depois não quero cumo chama commigo.
(*Sabe*).

SCENA V

HELENA.

(*Toma nas mãos o retrato do padrinho e, depois de contemplal-o largo tempo, exclama com entonação dramática*). O' meu querido, ó meu venerando padrinho! (*Outro tom*). Este retrato está muito bem apanhado.... Para macaco falta-lhe.... Não lhe falta nada.... (*Tragicamente*). O' meu veneravel padrinho, porque te ausentaste? Não me deixaste outra guarda mais do que Marcolina e minha consciencia.... Tanto minha consciencia como Marcolina são fracas, e meu coração é tão forte!... Oh! eu também fazia côro com aquella gente! Oh! eu também te dizia.—Vá p'ra fazenda! vá p'ra fa-

zenda! Quan'to me peza haver contribuido tambem para tua ausencia inoportuna.... (*Vae collocar o retrato onde estava*).

COPLAS.

I

Dindinho foi para a fazenda ;
deixou-me ficar sobre mim....
Queira Deus que nao se arrependa
de ser tão imprudente assim!
Por isso que victima imbelles
de um grande amor, pois sou mulher
si vejo Abel, fujo com elle,
fujo com elle, haja o que houver,
diga dindinho o que disser.

(*Dirigindo-se ao retrato*).
Porque, porque,
dindinho, vocem'ce
sósinha me deixou,
aqui me abandonou?...

II

O ser honesta e ter bom senso
é minha preocupação;
mas ao romance é bem propenso
meu machucado coração....
Não devo, sei, fugir de casa
de quem me adora como pae;
mas sinto lacerante braza
que no meu peito ardente cahe....
Amor me chama, amor me attrahe....

Porque, porque,
dindinho, vocem'cê
sósinha me deixou,
aqui me abandonou?

Agora sinto-me forte. Póde vir, senhor Abel, póde vir!
(*Apontando para uma trouxa que deve estar debaixo do canapé*). Ah! si elle soubesse que já tenho a trouxa prompta.... (*Abre a porta do fundo e acena para fora*).
E'le ahi vem.... Coragem!

SCENA VI

HELENA, ABEL, depois MARCOLINA.

ABEL.

(*Apertando com effusão as mãos de Helena*). Como estás, meu anjo?

HELENA.

Abel, que imprudencia!

ABEL.

Não me crimines: estou autorizado por ti.... (Pausa).
Então? estás prompta?

HELENA.

(Estremecendo.) Prompta? para que?

ABEL.

Para.... Faze-te agora de esquerda....

HELENA.

Não me lembro....

ABEL.

Helena?

HELENA.

Abel?

ABEL.

Estás zangada commigo?

HELENA.

Nao.

ABEL.

Só fallas por monosyllabos! (Aparte). E' a unica coisa
que sei da grammatica.... (Alto). Não temos tempo a
perder.... Vamos!

HELENA.

Meu Deus!

ABEL.

Hesitas?

HELENA.

Não sei....

ABEL.

(Depois de pequena pausa). Helena, a occasião não
pode ser mais favoravel. Arranja a trouxa.... Ainda
não arranjaste a trouxa?

HELENA.

(Estremecendo e olhando de soslaio para a trouxa).
Mas....

ABEL.

Pois arranja depressa a trouxa e partamos. D'aqui a
hora e meia temos um trem.

HELENA.

Meu amigo....

ABEL.

Tens escrupulos?

HELENA.

Ouve cá: não seria melhor revelarmos o segredo de nosso amor a dindinho? (*Aponta para o retrato*).

ABEL.

(*Dando com o quadro*.) Ah! Pois não! E' o que menos custa! (*Tirando o chapéo e com toda a cortesia, ao retrato*). Meu caro senhor Nicolau, participo-lhe que eu e a senhora sua afilhada nos amamos.... e fugimos....

HELENA.

Não zombes, Abel! Quem sabe o resultado de uma revelação que lhe fizsessemos? D'onde não se espera....

ABEL.

(*Enterrando o chapéo na cabeça e em tom resolutivo*). Dize-me cá: já te achaste algum dia em presença de um homem que trouxesse uma resolução?

HELENA.

Mettes-me medo!

ABEL.

Pois olha: eu trouxe uma resolução, entendes? Não te digo mais nada....

HELENA.

Abel, si te mereço piedade....

ABEL.

Vamos! Arranja a trouxa! Não me obrigues a violencias!

HELENA.

Ah! mas não serás capaz....

ABEL.

Tu sabes que sou muito atrevido! Quem se apresentou candidato á cadeira de primeiras lettras desta freguezia, sem saber pitada de grammatica, é capaz....

HELENA.

(Assustada). De que?

ABEL.

Vaes vêr! *(Avança para ella)*.

HELENA.

(Evitando-o, a gritar). Marcolina! Marcolina!...

MARCOLINA.

(Entrando). Yayá chamou?

HELENA

(A tremer). Nada é.... Nada é....

ABEL.

(Descobrimdo-se). Vejo que me enganei.... Suppoz que sua palavra não voltava atraz.... Adeus! Oh! mas ainda me resta um meio....

HELENA.

Qual é?

ABEL.

Veremos!... *(Cobre-se e sahe resolutamente.)*

HELENA.

(Depois de pequena reflexão, como que cahindo em si.) Marcolina! Marcolina! vae ter com elle!

MARCOLINA.

Com elle quem?

HELENA

Com esse moço que acaba de sahir d'aqui; chama-o!

MARCOLINA.

Yayá!

HELENA

Dize-lhe que já tenho a trouxa prompta....

MARCOLINA.

Ué!

HELENA.

Vae depressa!

MARCOLINA.

Nada! Não me metto em fundura! Não quero como chama commigo. *(Musica)*. Olhe: ahí vêm os brancos.... Vem p'ro vispora.

HELENA.

Maldictos amolladores! Não podem jogar em outro lugar! Vae abrir a porta.

(Marcolina abre a porta da esquerda, vae collocar-se ao fundo da scena. Helena senta-se no canapé).

SCENA VII

HELENA, MARCOLINA, PANTALEÃO, ALFERES ANDRADE, GOES & COMPANHIA, CASCAES, PEDRINHO, BENJAMIM, JUCA SÁ e VISITAS.

MARCHA DO VISPORA

CÓRO.

Joguemos por distracção,
mas... *pelo sim, pelo não,
companheiros folgasões,
paguemos só dois tostões
por cartão tão tão tão tão!

(O Alferes Andrade tem trazido grande quantidade de cartões para o jogo do *vispora*. Trazem a mesa para o centro da scena e preparam o jogo).

CASCAES.

(*Approximando-se de Helena.*) O que é que tem, dona Heleninha? Tão retirada hoje....

HELENA.

Desculpe, si não appareci. O padre bem sabe....

CASCAES.

(*Em voz muito alta.*) Sei! uma forte enxaqueca....
(*Baixinho*) Em que ficaram?

HELENA.

Não tenho animo; é-me impossivel abandonar assim a casa de dindinho....

CASCAES.

Está bom, minha senhora: *ad impossibilita nemo tenetur*....

HELENA.

Dê-me um conselho, padre.

CASCAES.

Já lhe dei um conselho; não lhe digo mais nada, por que conheço o Nicolau como as palmas de minhas mãos....

HELENA.

Ai, padre! vossa reverendissima nunca amou!

CASCAES.

De minimis non curat proctor....

PANTALEÃO.

(Sentado á mesa). Já vieram noticias do compadre?

CASCAES.

Cá está elle.... *(Pega no retrato e vae collocal-o a um canto da scena).*

HELENA.

Nenhuma.

PEDRINHO.

E' signal de que não ha novidade.

ALFERES ANDRADE.

(Impaciente). Começa o vispora ou não?

BENJAMIM.

Ao que parece, o senhor alferes dá o beicinho pelo vispora.

ALFERES ANDRADE.

E o que lhe importa a você, seu pelintra?

BENJAMIM.

Não seja mal creado!

ALFERES ANDRADE.

(Tirando a espada). Até este fedelho!

BENJAMIM.

(Fazendo-lhe uma careta). Uh!

ALFERES ANDRADE.

(Guardando tranquillamente a espada). Vamos ao vispora. *(Hilaridade).* Cada cartão custa dois tostões.

PEDRINHO.

Tostões! Ah! Ah! Ah!

ALFERES ANDRADE.

Tostões! Arre! Não pucho pela espada, porque estou

com as mãos occupadas. (*Procede á separação dos cartões*). Quantos quer, seu vigario?

CASCAES.

Si quer que lhe falle com franqueza, senhor alferes: eu não gosto de jogar com o senhor....

ALFERES ANDRADE.

Porque? porque?

CASCAES.

O outro dia, no sólo, o senhor foi mão tres vezes seguidas! Eu nada disse porque, enfim....

ALFERES ANDRADE.

Então cuida que para *ser mão* só padre? Quantos cartões quer?

CASCAES.

Dê cá lá dez. Aqui tem dois mil réis. (*Recebe os cartões e paga-os—mão lá, mão cá*).

PANTALEÃO.

Dê-me outros dez. (*Paga e recebe-os*).

PEDRINHO.

Quem me empresta dez tostões? (*Fazem-se todos desentendidos*.) Quem me empresta dez tostões? (*Approxima-se de Helena que está pensativa*.) O' dona Helena, a senhora me empresta dez tostões?

HELENA.

(*Despertando de sua scisma*). Heim?

PEDRINHO.

(*Impaciente*). A senhora me empresta dez tostões?

HELENA.

Empresto. (*Dando-lhe uma nota*). Aqui tem dois mil réis; com os outros dez tostões compre cinco cartões para mim. (*A parte*). Talvez me distraia.

PEDRINHO.

(*Ao alferes*). Olhe esses dez cartões!

ALFERES ANDRADE.

Aqui tem. (*Recebe o dinheiro e entrega os cartões, que Pedrinho reparte com Helena*).

BENJAMIM.

Dê cá cinco. (*Recebe e paga*). Quantos queres, ó Juca Sá ?

JUCA SÁ.

Dez. (*Compram, etc.*)

GOÉS.

(*Ao socio.*) Quantos queres ?

COMPANHIA.

Quantos quizeres.

GOÉS.

E quantos hei de querer ?

COMPANHIA.

Dez para cada um.

GOÉS.

Então dez e dez.... dez e dez são.... (*Calcula*).

COMPANHIA.

(*Contando nos dedos*) Dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, desesseis, desesete, dezoito, desenove, vinte, vinte e um....

GOÉS.

Já basta ! Dez e dez são vinte. (*Ao alferes*). Dê cá vinte, seu alferes Pancada... quero dizer, Andrade.

ALFERES ANDRADE.

(*Tirando meia espada*). Eu dou-lhe mais são vinte espadeiradas ! (*Guarda a espada tranquillamente e dá os cartões*). Dê cá quatro mil réis. (*Goés paga. Acham-se todos munidos dos competentes cartões*). Quem mais quer ? Quem mais quer ?

PEDRINHO.

Já todos têm.... Vamos com isso !

ALFERES ANDRADE.

(*Estendendo muitos cartões que restam diante de si*). Tomem logares ! (*Remachendo os numeros em um saquinho*). Vamos principiar !

CASCAES.

(*Ao Alferes*). Mas, com licença, o senhor não pagou !

ALFERES ANDRADE.

Como não paguei ?...

PEDRINHO.

Ainda não, senhor!

TODOS.

Não, senhor! Pague! Pague e não bufe!

ALFERES ANDRADE.

Pois vá lá... pela segunda vez! Contra a força não ha resistencia. (*Tirando dinheiro*). Cá está (*Marcolina sahe pela direita*).

PEDRINHO.

Esta nota ainda não está recolhida?

ALFERES ANDRADE.

Eu é que te recolho já esta espada no bucho! Faltta um tostão! Quem me empresta um nickel? (*Tirando meja espada*). Quem me empresta um nickel?!

PANTALEÃO.

Ninguem.

ALFERES ANDRADE.

Pois bem: quem tirar a meza, tem o direito de me exigir um nickel!

BENJAMIM.

Mas haverá credito?

ALFERES ANDRADE.

Menino, eu sou commandante de um destacamento!

BENJAMIM.

Folgo muito.

CASCAES.

Si a difficuldade é um nickel, *dignus est entrare*.

(*Marcolina, que tinha sahido, volta com um sacco de milho, do qual distribue um punhado a cada jogador. Os personagens estão collocados do seguinte modo: Helena, no canapé em que já estava sentada, estende seus cartões. No canapé, onde cabem duas pessoas, vae sentar-se tambem outra moça. Cascaes pucha uma cadeira para a bocca da scena e colloca seus cartoes sobre a cupola do ponto. A banca é occupada peio alferes, no centro, e, nos dois lados, por Pantaleão e Pedrinho. Góes senta-se n'uma cadeira e estende os cartões no chão. O socio vae buscar o retrato de Nicolau, colloca-o nas costas de Góes e, de pé, por traz*

da cadeira, espalha seus cartões na tela do retrato. Benjamim e Juca Sá sentam-se no chão, defronte um do outro. Na taboa de engommar devem jogar tres ou quatro moças. Os mais distribuem-se por todos os lados. Marcolina vae guardar o sacco do milho e, quando volta, colloca-se por traz do canapé.)

ALFERES ANDRADE.

(*Depois de contar o dinheiro que está sobre a banca.*)
Vamos! A banca é de vinte e quatro mil e setecentos.... Com o tostão que estou a dever, vinte e quatro mil e oitocentos. Prompto?

TODOS.

Prompto!

ALFERES ANDRADE.

(*Remechendo o sacco e tirando um numero **) Sete!

ALGUNS.

Sete! (*Uns marcam, outros não,—assim por diante*).

ALFERES ANDRADE.

Sessenta e nove.... Não! não! Ou é?...

PEDRINHO.

Veja no que fica!

ALFERES ANDRADE.

Eu não sei si é sessenta e nove ou noventa e seis....

PANTALEÃO.

Deixe vêr: é sessenta e nove.

CASCAES.

Ligere et non intelligere, burrigere est.

ALFERES ANDRADE.

Muito obrigado! Oitenta e oito!

ALGUNS.

Oitenta e oito.

ALFERES ANDRADE.

Vinte!

* Observe-se a mesma rubrica sempre que o alferes Andrade houver de dizer qualquer numero.

ALGUNS.

Vinte.

ALFERES ANDRADE.

Trinta e seis!

ALGUNS.

Trinta e seis.

CASCAES.

Duque.

ALFERES ANDRADE.

Noventa e nove!

PEDRINHO.

Olhe que é sessenta e seis....

ALFERES ANDRADE.

E' verdade: sessenta e seis!

BENJAMIM.

Terno.

ALFERES ANDRADE.

Dois!

ALGUNS.

Dois.

ALFERES ANDRADE.

Noventa!

PANTALEÃO.

Terno.

ALFERES ANDRADE.

Doze!

ALGUNS.

Doze.

ALFERES ANDRADE.

Vinte e quatro!

CASCAES.

Terno.

ALFERES ANDRADE.

Quatorze! (*Desta vez ninguém responde*). Quatorze!

CASCAES.

Sciente.

ALFERES ANDRADE.

Sessenta e quatro!

CASCAES.

Venha a boa!

ALFERES ANDRADE.

Trinta (*Com força*). Vispora!

TODOS.

Heim?!

ALFERES ANDRADE.

(*Muito tranquilamente.*) Quero dizer: duque...
(*Gritando.*) Um!

GÓES.

(*Levantando timidamente a cabeça e em tom de lastima.*) Terno....

ALFERES ANDRADE.

Vinte e tres!

PANTALEÃO.

Venha a boa!

ALFERES ANDRADE.

Oitenta e seis!

PANTALEÃO.

(*Erguendo-se enfurecido.*) Por um ponto! (*Batendo o pé com toda a força.*) Caramba!...

(Góes & Companhia assustam-se e cahe um por cima do outro. Cahindo, Góes enterra a cabeça na tela do retrato, que lhe fica em volta do pescoço. Confusão geral. Helena deita as mãos na cabeça. Marcolina tira o retrato, leva-o para dentro e volta. O alferes aproveita-se da confusão para procurar no sacco o número que lhe convém. Só Pantaleão vê esta trapaça).

ALFERES ANDRADE.

(*Achando o numero.*) Dez! Vispora! Vispora! Dez! Aqui está! Dez!...

(*Chegam-se todos para o alferes, menos Helena e Marcolina, que voltam a seus logares.*)

CANTO.

ALFERES ANDRADE.

E' como vê: são dez!

TODOS.

Dez!

ALFERES ANDRADE.

*(atirando-se ao dinheiro).*São meus os vinte e quatro mil e setecentos! *(Guarda o dinheiro).*

PANTALEÃO.

E' muito atrevimento!

Patota fez você!

ALFERES ANDRADE.

(Puchando a espada). Quem foi? quem foi que fez?

PANTALEÃO.

Guarde o chanfallo, ó toleirão!

GÓES.

Não seja tão parlapatão!

CASCAES.

Então? então? Dé-me o que é meu!

ALFERES ANDRADE.

Vocês quem pensam que sou eu?

HELENA.

Seu alferes, tal não fará!

PEDRINHO.

Entregue esse dinheiro e nada se dirá!

ALFERES ANDRADE.

Do bolso meu não sahirá!

TODOS.

Dé-nos o cobre! Dé-nos já!

ALFERES.

Raspem-se já,
sinão, sinão,
vae haver cá
revolução!...

CORO DE HOMENS.

Si não nos dá
nosso quinhão,
gritamos já:
péga ladrão!...

TODOS.

Péga ladrão! Péga ladrão!...

GÓES & COMPANHIA.

(Collocam-se um de cada lado do alferes que tenta fugir).

O valentão que tanto arrota,
e que no jogo fez patota,
não leva já tunda de páu,
em attenção ao Nicolau...

ALFERES.

Raspem-se já, etc.

CORO DE HOMENS.

Si não nos dá, etc.

TODOS.

Péga ladrão! Péga ladrão!

ALFERES ANDRADE.

Não sou ladrão, não sou ladrão! (*Foge*).

TODOS.

(*Accossando-o.*) Péga ladrão! Péga ladrão!

(*Sabida ruidosa pela esquerda. Helena e Marcolina ficam sós.*).

SCENA VIII

HELENA e MARCOLINA.

(*Marcolina deita a mesa em seu lugar, arranja os moveis e colloca os cartões sobre a mesa.*).

HELENA.

Que sempre ha de haver disto! Por isso não gosto que se lembrem de jogar aqui o maldicto vispora!

MARCOLINA.

(*Arranjando os trastes.*) Tambem aquelle seu arfere é um typo.

HELENA.

É um typão!

MARCOLINA.

Fazer trapaça não é nada, mais deixar-se apanhar....

HELENA.

Vae para dentro; preciso estar só.

MARCOLINA.

Outra vez, yayá!

HELENA.

Deixa-me!

MARCOLINA.

Vocem'ce não vae ceiar com as visitas?

HELENA.

Não; quero descansar.

MARCOLINA.

Então, vá p'r'o seu quarto.

HELENA.

Não quero. (*Apparece Cascaes*).

MARCOLINA.

Aqui está....

HELENA.

(*Sobresaltada*). Quem?...

MARCOLINA.

Sinhô padre mestre.

HELENA.

Ah!

MARCOLINA.

(*A' parte*). Outro ah! Já sortou tres!

SCENA IX

AS MESMAS e CASCAES.

CASCAES.

Aquelle alferes Andrade é um typo!

HELENA.

Um typão!

MARCOLINA.

Elle arrestituiu o dinheiro, sinhô padre mestre?

CASCAES.

Só a metade.... Que trapaceiro! *Vade retro!*

HELENA.

Deixa-nos sós. Marcolina. Vae dizer a esses senhores desculpem minha ausencia.... mas a enxaqueca....

CASCAES.

(*Em voz muito alta*). Sim, uma forte enxaqueca....

MARCOLINA.

Mas....

HELENA.

Vae!

MARCOLINA.

Tá bom! (*Sahe*).

SCENA X

HELENA e CASCAES.

HELENA.

O' padre!

CASCAES.

O que temos?

HELENA.

Ainda ha pouco não podemos fallar á vontade. Vossa reverendissima não calcula quanto padeço....

CASCAES.

Horribili dictu!

HELENA.

Elle esteve ainda agora aqui....

CASCAES.

Quando?

HELENA.

Antes do vispora.

CASCAES.

E não.... fez vispora?

HELENA.

Oh! fiz-me esquecida.... Hesitei.... Elle sahiu.... Deixei-o sahir, mas sabe Deus com que vontade.... Oh!

CASCAES.

(*A' parte*). Hoje é dia dos *ohs*! A rapariga já soltou dois....

HELENA.

O que diz, padre?

CASCAES.

O que digo é isto.... (*Prepara-se para dizer uma sentença latina*).

HELENA.

Oh! não! não! Falle portuguez.

CASCAES.

Então sabia que eu ia fallar latim?

HELENA.

Já conheço pela sua cara.

CASCAES.

Então, o que digo é isto: Nada de hesitações. Deixe-se levar, e o resto fica por minha conta....

HELENA.

(*Com piedade*). E dindinho?

CASCAES.

Ora! dindinho que vá plantar mandioca. A senhora ou bem ha de querer o dindinho, ou bem o Abel. Ambos juntos é impossivel! São incompativeis. Dous proveitos não cabem n'um sacco....

HELENA.

Oh!

CASCAES.

(*Aparte*). Mais um *oh*! (*Alto*). E d'ahi, quem sabe? Podem muito bem fazer as pazes e metter ambos os proveitos em um sacco só. Ande d'ahi; venha ceiar.

HELENA.

Não. Tenho uma tal tristeza n'alma....

CASCAES.

Trist: est anima mea.

HELENA.

(*Sentando-s: no canapé*). Verei si posso socegar.

CASCAES.

Aqui? Não é melhor ir para o seu quarto?

HELENA.

Irei depois.

CASCAES.

(Querendo retirar-se). Nesse caso, dona Heleninha....

HELENA.

Não se vá embora por quem é! Sua presença faz-me bem.

CASCAES.

Favores que não mereço....

HELENA.

(Recostando-se no espaldar do canapé). Estou com um somno.... *(Fechando os olhos).* O' padre, si eu dormir peça aos ceus que me enviem um sonho bemfasejo; sim?

CASCAES.

Sim. *(Aparte).* Ora! para o que lhe havia de dar!

HELENA.

(No mesmo). Porque não é dindinho amigo de Abel? Si eu pudesse vel-o em sonhos....

CASCAES.

A quem? Ao dindinho?

HELENA.

(Enfadada). Não.

CASCAES.

O outro....

HELENA.

O outro.... Si pudesse vel-o em sonhos.... Que mal havia nisso? Padre, peça, peça aos céus que me enviem um bello sonho.... Estão-se-me a agarrar as palpebras... Peça.... *(Outro tom).* Peça.... sinão fico mal com vossa reverendissima.... *(Adormece).*

CASCAES.

Tem graça! Pedir um sonho assim como quem pede um charuto!—Oh! Fulano, dá cá um charuto.—O ceu, manda de lá um sonho á senhora dona Helena—*(Contemplando-a)* Como é bonita! *(Dá dous passos para ella, e arrependendo-se, benzendo-se)* Est ne nos induca in tentationem. *(Nisto, Abel que tem aberto lentamente a porta do fundo, entrado e avançado, toca no hombro de Cascaes, que se assusta.)* Ai!

ABEL.

Não se assuste ! Sou eu . Cale-se ; não a des-
perte...

CASCAES.

O senhor pregou-me um susto....

ABEL.

Não vá agora pregar-me um sermão... Ah! des-
culpe...

CASCAES.

Essa é boa ! *Inter amicus non habet gerigonça.*

ABEL.

Silencio... (*Entra Marcolina; Abel occulta-se atraz de Cascaes.*)

SCENA XI

HELENA, CASCAES, ABEL e MARCOLINA.

MARCOLINA.

Então yayá não quer ir p'r'o seu quarto !

CASCAES.

Pscio.... Está dormindo.... Não a despertes, sinão
volta ahí a enxaqueca.

MARCOLINA.

Mas isto não tem geito ! Dormir aqui !

CASCAES.

Não faz mal.

MARCOLINA.

Então, vamos embora.

CASCAES.

Vae fechar a porta. (*Marcolina fecha a porta da
esquerda, Cascaes segue-lhe os movimentos, e Abel
os de Cascaes, de modo que se conserve sempre a
salvo dos olhares de Marcolina.*) Agora, vamos passa
adiante...

MARCOLINA.

Sím, sinhó... (*Sáhe*).

CASCAES.

(*A' porta do fundo.*) *Oc opus hic labor est...* (*Sáhe'*).

SCENA XII

ABEL e HELENA.

ABEL.

(*Contemplando-a*). Como és formosa, ó minha casta Helena! Vamos! Animo, Abel! o Nicolau está na fazenda e o deus do amor te protege!... (*Ouve-se fóra, á esquerda, o coro seguinte*).

CÔRO.

Olá! que vinho tem na adega
seu Nicolau!
Póde apanhar-se uma broega,
pois não é mau!

Quem saude ambiciona
tome, com moderação,
de vez em quando uma mona,
de quando em vez um pifão!
La la la la la la...

ABEL.

(*Durante o côro*). O que é isto? (*Vae olhar pelo buraco da fechadura*). Estão cciando. Que grande patuscada! (*Deixa a fechadura e ajoelha-se perto de Helena*).

HELENA.

(*Despertando*). Abel! Tu aqui? l...

ABEL.

Sim, sim, o teu Abel!

HELENA.

Mas.... estarei sonhando?

ABEL.

(*Aparte*). O que diz ella?

HELENA.

Sim... é o sonho que ainda agora pedi ao padre...

ABEL.

Um sonho! Muito bem! Confunde-me com um sonho... (*Helena ergue-se machinalmente. Abel condut-a á bocca de scena*).

DUETTO

HELENA.

O ceu já me enviou
o sonho celestial que o padre supplicou!
Que prazer vou sentir!
Que sonho venturoso Helena vae fruir!

JUNTOS.

Céus! ai! que sonho, que sonho de amor!
A noite dá-lhe seu mysterio...
A noite dá-lhe seu favor...
Sinto um contentamento ethereo!
Ail que gentil sonho de amor!
Céus! ai! que sonho, etc.

HELENA.

Repete, ó meu Abel, e me farás feliz...
Diz — Eu te amo; — diz e rediz!
Pois te quero seguir...

ABEL.

Seguir-me, minha Helena?

HELENA.

A casa em que nasci, por ti deixo sem pena.
Mas... tu não me abandonarás?

ABEL.

O' minha bella, tal suspeita
do coração não vem direita!
Revoga-a já e já, com beijos ao rapaz!

HELENA.

Quantos então!

ABEL.

Só tres....

HELENA.

Na mão?

ABEL.

Não, não, não, não; porém no rosto,
de perfeições almo composto,
que vida e morte a um tempo dá!
Oh! dá-me, dá-me beijos!
Satisfaz meus desejos!

HELENA.

Si não é mais que um sonho.... vá lá....
(*Deixa-se beijar.*)

JUNTOS.

Céus! ai, que sonho, que sonho de amor! etc.

HELENA.

Agora, ó meu Abel....

ABEL.

O' minha Helena, agora....
é fugir!

HELENA.

Fugir!

ABEL.

Sem demora!
Não ha tempo a gastar....
o trem já vai chegar....

HELENA.

Serás meu bom amigo?

ABEL.

Sim!

HELENA.

Não mangarás commigo?

ABEL.

Não!

Um protector em mim
terás, ó coração!
Amanhã de manhã,
manhã pura e serena,
esplendida, louçã,
um padre que eu cá sei casar-nos-á, Helena...
Esposos, meu amor, seremos amanhã!

HELENA.

Amanhã?

ABEL.

Amanhã....
Deixa, portanto Helena, a sala do engommado,
e vem, longe d'aqui, seguir teu namorado!

HELENA.

(Apoderando-se da trouxa que está embaixo do canapé).

Si não é mais que um sonho.... vá lá....

JUNTOS.

Céus! ai, que sonho, que sonho de amor!

A noite dá-lhe seu mysterio....

A noite dá-lhe seu favor....

Sinto um contentamento ethereo!

Ai, que gentil sonho de amor!

Céus! ai, que sonho, etc.

(Terminado o ducto, Helena deita sobre os hombros uma manta e dispõe-se a sahir com Abel, pelo fundo, quando a porta se abre de repente e surge Nicolau que solta um grito).

SCENA XIII

OS MESMOS e NICOLAU.

HELENA.

(Cahindo, confundida, nos braços de Nicolau). Din-dinho! Oh! então não era um sonho! (Atira para longe a trouxa).

NICOLAU.

(Deixando cair por terra todos os preparos de viagem com que sahira no final do primeiro acto). Um sonho! Eu é que estou a sonhar!

HELENA.

Vocemecê fez boa viagem, dindinho?

NICOLAU.

(Procurando ver Abel, que Helena tracta de esconder).
Fiz.... fiz.... Mas aquelle sugeito....

HELENA.

Os negros já estão accommodados?

NICOLAU.

Já.... Já.... E' o senhor....

HELENA.

E qual foi o motivo do levantamento?

NICOLAU.

(*Tirando Helena da frente de Abel*). Ah! é o senhor?!
Veio cá decifrar alguma charada?

HELENA.

Esteve sempre de saúde? Caçou muito por lá?

NICOLAU

Eu cá sei o que cá sei....

HELENA.

O que caçou?

NICOLAU.

Eu cá sou muito tolo : a dar resposta! (*Gritando*).
Aqui d'elrei! aqui d'elrei!...

ABEL.

Cale-se! O senhor é um imprudente!

NICOLAU.

Eu cá sei o que cá sou! (*Gritando*). Aqui d'elrei!
Aqui d'elrei!... O senhor Abel.... Qual Abel nem meio
Abel! De hoje em diante só o hei de chamar Caim! O
senhor Caim não pode dar a offendida; póde? Não
póde! Logo—aqui d'elrei! aqui d'elrei! O' de casa!

HELENA.

Olhe que estão visitas! (*Tira a manta*).

NICOLAU.

Ah! estão?... Melhor! (*Vae abrir a porta*).

ABEL.

Vem tudo ahí! Sahe cá um barulho....

NICOLAU.

Eu cá sei o que cá sahe! Mas que é da Marcolina?...

FINAL.

NICOLAU.

(*Gritando*).

Vem cá, ó Marcolina! Aqui!

HELENA.

O' que imprudente!

ABEL.

Vae sahir cinza incontinentel!

HELENA.

Meu Deus! Meu Deus! estou mettida em bons lençóes!
(Desmaiando. Abel corre para junto della).

NICOLAU.

Aqui d'elrei! aqui d'elrei! aqui d'elrei! Que dois heróes!

SCENA XIV

HELENA, ABEL, NICOLAU, PANTALEÃO,
CASCAES, PEDRINHO, BENJAMIM, JUCA
SÁ, ALFERES ANDRADE, GOES & COMPA-
NHIA, MARCOLINA e VISITAS.

(Os homens, menos Cascaes, vem ligeiramente alcoolizados).

PEDRINHO.

Olá! que vinho tem na adega
seu Nicolau!

Póde apanhar-se uma broega,
pois não é mau!

Quem saude ambiciona
tome, com moderação,
de vez em quando uma mona,
de quando em vez um pifão!
La la la la la la....

PANTALEÃO.

(Dando com Nicolau). O Nicolau!

TODOS.

Olá!

NICOLAU.

(Tragicamente). O Nicolau cá está!

(Agarrando Marcolina pelo pulso e trazendo-a à
bocca da scena).

Helena ia fugir co'aquelle seductor!

Responde já, ó Marcolina,
tu que eras a guarda da menina:
que feito foi de seu pudor?

TODOS.

Que feito foi de seu pudor?

(Nicolau deixa, furioso, o braço de Marcolina, que foge
para o fundo).

NICOLAU.

Sim, seu pudor?

ALGUNS.

Ora ! o pudor !

TODOS.

Ai ! o pudor !
 Você não deve estar zangado,
 pois, de algum modo, é o mais culpado !

NICOLAU.

Pois sou culpado ?

HELENA.

(Tornando a si, e aproximando-se do padrinho).

I

Qualquer parente,
 que, estando ausente,
 em casa entregue a si deixou
 linda atilhada,
 enamorada,
 entrar não deve como entrou.
 Bem procedido
 tinha um marido
 assim chegando de sopetão ;
 mas, meu dindinho,
 devagarinho
 não entra em casa um solteirão !

TODOS.

Mas, ó dindinho,
 devagarinho
 não entra em casa um solteirão !

HELENA.

II

Que o namorado
 desconfiado
 observe a bella sem descansar ;
 pae ciumento
 em mau momento
 filha querida possa encontrar ;
 noivo zeloso
 e cauteloso
 queira por gosto ser espião ;
 mas meu dindinho
 devagarinho
 não entra em casa um solteirão !

TODOS.

Mas, ó dindinho,
devagarinho
não entra em casa um solteirão !

NICOLAU.

Bem ; mas, si meus amigos são,
mandem-n'o embora a pescoção !

PANTALEÃO

É já ! É já !... Seu professor,
seu proceder me causa horror !

ABEL.

Ir-me d'aquí sem minha bella !
Então, senhores meus, então,
voltarei n'outra occasião,
e irei com ella ! e irei com ella !

TODOS.

Vae-te, ó seductor !
Vae-te, parlapatão !

HELENA,

(Baixo a Abel). Oh ! vae-te ! meu amor te seguirá....
O meu amor seguir-te-ha....
Damnados estão !
Vê que olhar tão furibundo !
Capazes que são
de mandar-te p'r'outra mundo !

ABEL.

CÔRO.

Sim ! sou fanfarrão ! O' que fanfarrão !
Pois aqui, só n'um segundo, O' que professor immundo !
sou capaz, verão ! O parlapatão
de matar a todo o mundo ! quer matar a todo mundo !

ABEL.

(Fazendo os gestos indicados nos seguintes versos.)

Eu sou capocira !
Não me assustam, não !
Passo uma rasteira :
tudo vae ao chão !
Pucho um canivete
p'ra desafiar !
Ai, que eu pinto o sete !
Mato desesete
e vou descangar !...

CÔRO.

Feroz punição
vamos dar ao badameco!
Merece o ladrão
ser corrido a peteleco!

(Procuram todos evitar Abel, que se mostra satisfeito de seu triumpho).

PANTALEAO

(A Abel).

Ai, não se perfile,
file, file, file!
Não temo a você!
Não se rejubile,
bile, bile, bile,
pois não tem de que!

CÔRO

(Perseguindo Abel).

Ai, não se perfile,
file, file, file, etc.

ABEL.

Sou eu que direi: Ai não se perfile
file, file, file!

(Grande disputa em que só não tomam parte Helena e Cascaes, que tentam, em vão, apasiguar os animos).

CÔRO.

Feroz punição
vamos dar ao badameco!
Merece o ladrão
ser corrido a peteleco!

(Abel retira-se pelo fundo, ameaçando sempre, e Helena desmaia nos braços de Marcolina. Cabe o panno).

ACTO TERCEIRO

QUADRO QUARTO

O TREM DE FERRO.

Estação da estrada de ferro (especie de alpendre). Bancos. A' esquerda um balcão em que se vendem vinhos e pastéis. Ao fundo a estrada. Paisagem em perspectiva. Quadro animado; bebem uns e outros comia.

SCENA PRIMEIRA

PEDRINHO, BENJAMIM, JUCA SÁ, GOES
& COMPANHIA, ALFERES ANDRADE e
POVO.

CÔRO.

Comer! beber!
Viva o prazer!
Aproveitemos nossa idade!
Brincar! folgar!
Quem não gostar
de ser assim, que vá ser frade.
Beber! comer!
Viva o prazer!

PEDRINHO.

RECITATIVO.

O tal Nicolau é da pá virada!
E' um trapalhão!

TODOS.

Ninguem diz que não!

PEDRINHO.

Contrariando o professor,
deu grandicissima palada.
por isso que irritou um deus chamado—Amor!

VOLTAS.

I

Abel ama a dona Helena....
 Não lhe vejo nenhum mal!

TODOS.

Abel ama a dona Helena....
 Não lhe vemos nenhum mal!

PEDRINHO.

Quer cazar-se co'a pequena:
 isto é muito natural!
 Mas o grande Nicolau
 não quer dar-l'ha nem a pau.

Ah! Ah!

Passa fóra, Nicolau!
 Passa fóra, meu patau!

TODOS.

Passa fóra, Nicolau!

PEDRINHO.

II

Por orgulho, que apoquenta,
 não quer dar-l'ha por mulher!

TODOS.

Por orgulho, que apoquenta,
 não quer dar-l'ha por mulher!

PEDRINHO.

« Presumpção e agua benta
 cada qual toma a que quer »....
 Quer elle queira, quer não,
 marido e mulher serão!

Ah! Ah!

Passa fóra, Nicolau!
 Passa fóra, meu patau!

TODOS.

Passa fóra, Nicolau!

PEDRINHO.

Mas, enfim, o que resolveu o Nicolau?

BENJAMIM.

Ha casamento?

CÔES.

ruga?

COMPANHIA.

Surra?

ALFERES ANDRADE.

Qual fuga nem surra! Não ha nada disso!

GÓES.

Corre por toda a freguezia... Mas ao que corre pela freguezia não podemos dar ouvidos....

PEDRINHO.

Si aqui estivesse o vigario, diria: *Vox populi*....

ALFERES ANDRADE.

Mas o que corre pela freguezia, seu Góes & Companhia?

GÓES.

Góes & Companhia somos nós dois, eu e este. Eu só sou Góes.

COMPANHIA.

E eu a companhia.

BENJAMIM.

(Ao alferes). Assim como do senhor pôde-se tambem dizer: Alferes & Companhia....

ALFERES ANDRADE.

(Tirando a espada). Qual é a companhia?

BENJAMIM.

Qual ha-de ser? A darindana....

ALFERES ANDRADE.

Ah! *(A Góes)*. Mas, vamos: o que é que corre?

GÓES.

Corre por toda a freguezia que no trem das oito e tres quartos D. Helena vae para a côrte em companhia de um frade que a tem de vir buscar.

PEDRINHO.

Não sei si é isso um maranhão, mas, com certeza, e o motivo pelo qual nos achamos aqui todos reunidos: confessem!

GÓES.

Deixe-se disso! Foi sempre costume encher-se a estação de gente.

PEDRINHO.

Eu nunca vi aqui nem você nem seu socio....

ALFERES ANDRADE.

Está visto que, si não viu um, não podia vêr o outro....

BENJAMIM.

Ora até que afinal o alferes disse uma coisa quasi com graça!

ALFERES ANDRADE.

(Brandindo a espada). Quasi!

PEDRINHO.

Seu alferes, quero dar-lhe um conselho.

ALFERES ANDRADE.

Dar ou receber?

PEDRINHO.

Ouçã primeiro e depois esbraveje á vontade....

TODOS.

Ora ouça, seu alferes, ora ouça!

ALFERES ANDRADE.

Vocês tomaram-me á sua conta! Deixem estar que eu os ensinarei!

PEDRINHO.

O conselho é este: deite fora a bainha de sua espada.

ALFERES ANDRADE.

Porque? Então não está nova?

PEDRINHO.

Não é por isso: é porque de nada lhe serve a bainha! A lamina não pára dois minutos lá dentro!

ALFERES ANDRADE.

Menino! (Brandê, furioso, a espada que tem conservado em punho).

PEDRINHO.

Então! O que dizia eu? Lá está de espada em punho!

TODOS.

Ah! Ah! Ah!...

ALFERES ANDRADE.

Protesto! Já estava fóra da bainha!... Já estava fóra da bainha!...

TODOS.

Ah! Ah! Ah!...

PEDRINHO.

O que vale é que, si o chanfalho não leva muito tempo na bainha, tambem na mão.... E' só mandal-o guardar!

TODOS.

Guarde, guarde o chanfalho!

ALFERES ANDRADE.

Arredem!

TODOS.

Guarde, guarde o chanfalho!

ALFERES ANDRADE.

(*Guardando tranquillamente a espada*). Vocês pedem com tão bons modos....

CÓES.

Seu alferes não é mau rapaz....

COMPANHIA.

Tem suas coisas.... Ora! quem não as tem?!

JUCA SÁ.

No fundo é muito bom moço....

ALFERES ANDRADE.

Pois não se fiem muito! Um dia faço aqui uma estalada! Vocês não me conhecem!

SCENA II

OS MESMOS e CASCAES.

CASCAES.

Dominus vobiscum!

PEDRINHO.

Ora aqui está o senhor vigario, que é quem nos pôde explicar a coisa.

CASCAES.

Que coisa?

PEDRINHO.

O que ha e o que não ha sobre dona Helena?

CASCAES.

E o que têm vocês com isso?

BENJAMIM.

Interessa-nos a sorte dessa desventurada senhora.

CASCAES.

Já que querem com tanta instancia saber da vida alheia, o caso é este....

PEDRINHO.

Atenção!

CASCAES.

Dona Helena deixa o lar paterno.

ALFERES ANDRADE.

Paterno, não; padrinheiro!

BENJAMIM.

Bico, seu alferes!

ALFERES ANDRADE.

Ora bolas! o lar é do padrinho!

PEDRINHO.

Mas dona Helena casa-se ou não se casa com o mestre escola?

CASCAES.

Nada.

ALFERES ANDRADE.

Então é o mestre-escola que se casa com ella?

COÉS.

Seu alferes, não interrompa!

ALFERES ANDRADE.

(Com força). Não me interrompa você!

CASCAES.

Dona Helena vai entrar para um convento.

TODOS.

Ah!

PEDRINHO.

Mas como pôde isto ser? Quem a pôde obrigar a metter freira?

COMPANHIA.

Ella é maior....

BENJAMIM.

E' até maior do que eu!

ALFERES ANDRADE.

Vocês é que estão interrompendo; não sou eu!

CASCAES.

Quem a pôde obrigar? O padrinho! *Regis est imperare.*

PEDRINHO.

Ouvimos dizer que vinha um frade busca-la; é para leva-la ao convento?

CASCAES.

Adivinhou.

ALFERES ANDRADE.

(A meia voz). Ella, então, vae entrar para um convento de frades?...

CASCAES.

Nada; o frade leva-a para um convento de freiras.

BENJAMIM.

Mas porque não a leva o Nicolau em pessoa ao convento?

JUCA SÁ.

Em vez de entregal-a a um estranho?...

CASCAES.

Vocês bombardeiam-me com perguntas!

ALFERES ANDRADE.

Pois bombardeé-nos com respostas!

CASCAES.

Não é um estranho tal: o Nicolau me disse que não tinha animo de levar a alihada para a cidade e lá deixal-a mettida entro' quatro paredes; confrangia-se-lhe o coração.... Pediu-me que me encarregasse disso.

COMPANHIA.

Pobre Nicolau!

ALFERES ANDRADE.

E então?

CASCAES.

Recusei por dous motivos: *primo*, não podia abando-

nar a freguezia. (Tenho medo de uma *ex-informata* que me pello); *secundo*, quem me visse em companhia de uma senhora, poderia fazer um juizo desairoso, tanto para mim como para ella.

ALFERES ANDRADE.

E o terceiro?

PEDRINHO.

Como o terceiro? Eram só dois!

CASCAES.

Ha; ainda ha um terceiro.

{ BENJAMIM.

Vejamos.

CASCAES.

Tercio, dona Helena me quereria mal, si fosse eu que a levasse para o convento...

ALFERES ANDRADE.

Bem pensado. E o quarto?

CASCAES.

Não ha mais.

ALFERES ANDRADE.

E o quinto?

CASCAES.

(*Encarando-o.*) O quinto é que você é um tolo!

ALFERES ANDRADE.

Ora é boa! Podia não haver um quarto, mas haver um quinto...

CASCAES.

Então, pediu-me o Nicolau que lhe lembrasse um alvitre qualquer, que fosse eficaz. Disse-lhe que havia na côrte um frade, amigo meu de velha data e pessoa da maior confiança, que viria buscar dona Helena, si lh'o eu pedisse por meio de uma cartinha.

PEDRINHO.

E o Nicolau acceitou o alvitre?

CASCAES.

Acceitou. O frade entrega-a á superiora do convento que já está prevenida para recebê-la e competentemente autorizada. *Deo Gratia.*

BENJAMIM.

E' até maior do que eu!

ALFERES ANDRADE.

Vocês é que estão interrompendo; não sou eu!

CASCAES.

Quem a pôde obrigar? O padrinho! *Regis est imperare.*

PEDRINHO.

Ouvimos dizer que vinha um frade busca-la; e para leva-la ao convento?

CASCAES.

Adivinhou.

ALFERES ANDRADE.

(A meia voz). Ella, então, vae entrar para um convento de frades?...

CASCAES.

Nada; o frade leva-a para um convento de freiras.

BENJAMIM.

Mas porque não a leva o Nicolau em pessoa ao convento?

JUCA SÁ.

Em vez de entregal-a a um estranho?...

CASCAES.

Vocês bombardeiam-me com perguntas!

ALFERES ANDRADE.

Pois bombardêe-nos com respostas!

CASCAES.

Não é um estranho tal; o Nicolau me disse que não tinha animo de levar a afillhada para a cidade e lá deixal-a mettida entre quatro paredes; confrangia-se-lhe o coração.... Pediu-me que me encarregasse disso.

COMPANHIA.

Pobre Nicolau!

ALFERES ANDRADE.

E então?

CASCAES.

Recusei por dous motivos: *primo*, não podia abando-

nar a freguezia. (Tenho medo de uma *ex-informata* que me pello); *secundo*, quem me visse em companhia de uma senhora, poderia fazer um juizo desairoso, tanto para mim como para ella.

ALFERES ANDRADE.

E o terceiro?

PEDRINHO.

Como o terceiro? Eram só dois!

CASCAES.

Ha; ainda ha um terceiro.

[BENJAMIM.

Vejamos.

CASCAES.

Tercio, dona Helena me quereria mal, si fosse eu que a levasse para o convento...

ALFERES ANDRADE.

Bem pensado. E o quarto?

CASCAES.

Não ha mais.

ALFERES ANDRADE.

E o quinto?

CASCAES.

(*Encarando-o.*) O quinto é que você é um tolo!

ALFERES ANDRADE.

Ora é boa! Podia não haver um quarto, mas haver um quinto...

CASCAES.

Então, pediu-me o Nicolau que lhe lembrasse um alvitre qualquer, que fosse effcaz. Disse-lhe que havia na côrte um frade, amigo meu de velha data e pessoa da maior confiança, que viria buscar dona Helena, si lh'o eu pedisse por meio de uma cartinha.

PEDRINHO.

E o Nicolau accitou o alvitre?

CASCAES.

Accitou. O frade entrega-a á superiora do convento que já está prevenida para recebê-la e competentemente autorisada. *Deo Gratia.*

PEDRINHO.

Isto é inverosmil! Isto só se vê em comedias!

ALFERES ANDRADE.

Ou em parodias!

CASCAES.

Pois é a pura verdade. Eu sou como o outro: *Adeo veritatis diligens erat, ut ne joco quidem mentiretur...* Ora adeus! Vocês não sabem disto; estou perdendo meu latim...

ALFERES ANDRADE.

Mas é maldade roubar uma deidade à sociedade e entregal-a a um frade para levar-o para a cidade! E' uma atrocidade!...

CASCAES.

Oh! senhor alferes! quanta rima perdida! Quando quizer dizer versos, previna a musica: cante-os.

PEDRINHO.

Rapaziada, vamos dar uma volta; o trem ainda se demora um quarto de hora.

BENJAMIM.

Comtanto que não deixemos de vêr o frado!

ALFERES ANDRADE.

Voltaremos. Vamos, vamos dar uma volta; eu tambem não sei estar parado.

PEDRINHO.

Irá, com a condição de não puchar a espada em casinho...

ALFERES ANDRADE.

Vocês tomaram-me à sua conta; vocês não me conhecem!

TODOS.

Até logo, senhor vigario.

BENJAMIM.

(Batendo com liberdade no hombro de Cascaes).
Até logo!

CASCAES.

(Tomando-o pelo braço). Menino, *adolescentis est majores natu vereri...*

BENJAMIM.

Fiquei na mesma.

CASCAES.

(Recomeçando). adolescentis....

TODOS.

Vamos! Vamos! *(Sahem).*

(Alguns têm já se retirado a pouco e pouco da scena. A orchestra toca em surdina o estribilho das voltas cantadas por Pedrinho na scena primeira. Cascaes fica só).

SCENA III

CASCAES.

(Dirigindo-se ao publico com toda a naturalidade. Os senhores hao de estar lembrados daquella cartinha que recebi de meu irmao no primeiro acto. Pois bem : ouçam a resposta (Tirando uma carta e lendo) :

« Meu mano e presado amigo,
estimo que passes bem,
pois é o que se dá connigo
e co'a comadre tambem.
Os pequerruchos vão indo,
mas muito mal, charo irmão :
com coqueluche o Clarindo
e o Nhô-nhô com dentição. »

(Declama). Isto são intimidades. Inter amicus....

(Continuando) :

« Recebi a tua carta
com data de vinte e tres
e vou, antes que o trem parta,
responder-a, como vês.
Não quero seja diverso
o meu systema do teu:
como escreveste-me em verso,
em verso respondo eu.
O Abel, teu recommendado,
ha dias p'ra lá voltou ;
foi demittido (coitado!)
do cargo que abiscoitou.
Não poudo cantar victoria,
nada poudo conseguir ;

que elle te contasse a historia
 é muito de presumir....
 Si tiral-a por justiça,
 de certo a pequena vae,
 de volta de alguma missa,
 que só é quando ella sahe.
 Que ao tutor ninguem dissuade,
 tenho de mim para mim,
 pois *quod natura dat*....
 não sei se sabes latim.
 Não posso ser mais extenso:
 vou minha missa dizer;
ex:informata suspenso,
 charo irmão não quero ser.
 Lembranças cá da comadre,
 não só a ti, como aos mais,
 teu irmão e amigo, o padre
 Bernardo Telles Cascaes. »

(*Declama*). Ha um *post scriptum*, mas não vem ao caso.
 Emlim.....

(*Lendo*).

« *Post-scriptum*: E um dos maiores
 o calor que faz aqui,
 porisso em trajo menores
 desculpa escrever-te a ti. »

(*Guardando a carta*). Esta resposta, tinha-a eu
 escripto hontem. Ia deital-a ao correio, quando en-
 contrei o Nicolau, que me pediu um meio para mandar
 a afillhada para o convento. Lembrei-me, então, de que
 o Abel poderia muito bem passar por frade barbadinho,
 e arranjei uma larça... Em vez de mandar esta carta
 a meu irmão, escrevi uma outra a Abel, dizendo que se
 apresentasse hoje, no trem que vae chegar, com o com-
 petente disfarce, e.... O resto adivinha-se.... Não me
 posso sahir bem desta brincadeira: o Nicolau ha-de ca-
 hir-me em cima como uma bomba, bumba! Mas, com
 meios brandos e suasorics, tudo conseguirei....

SCENA IV

O MESMO e PANTALEÃO.

PANTALEÃO.

Andava á sua procura, padre. Como passou?

CASCAES.

Doente.

PANTALEÃO.

Doente?

CASCAES.

Ou velho: *senectus est morbus*. O que deseja?

PANTALEÃO.

Fallar-lhe sobre este maldicto accidenta....

CASCAES.

Da pequena?

PANTALEÃO.

Sim.

CASCAES.

O que quer que lhe faça? *Mortus est pinto in casca*.

PANTALEÃO.

E' preciso que o compadre se esqueça de mandar dona Helena para o convento.

CASCAES.

A boas horas lembra-se você disso....

PANTALEÃO.

Como assim?

CASCAES.

Você pintou....

PANTALEÃO

(Formalisado). Eu não *pinto, padre!*

CASCAES.

Não se precipite! Não quero dizer que o senhor *pinta o padre!*— Você *pintou*... ao Nicolau todo este negocio com as mais negras côres e, como delegado da instrucção publica, arranjou a demissao do pobre rapaz; dona Helena ha-de agradecer-lhe....

PANTALEÃO.

E quem se encarregou de chamar o frade? Dona Helena ha-de agradecer-lhe!

CASCAES.

Não estejamos a trocar palavras, senhor de los Rios; resolvamos alguma coisa!

PANTALEÃO.

O que ha de ser?

CASCAES.

Em vindo o Nicolau, chamemol-o de parte....

PANTALEÃO.

E....

CASCAES.

E toca a catechisal-o! Taes considerações faremos....

PANTALEÃO.

Taes argumentos apresentaremos....

CASCAES.

Ahi vêm elle e a pequena. (*Afastam-se*).

SCENA V

OS MESMOS, NICOLAU e HELENA.

NICOLAU.

(*Sem dar com a presença de Cascaes e Pantaleão*).
 « Oh! então não era um sonho! » E' esta phrase, Helena,
 é esta phrase que espero você me explique!

HELENA.

Dindinho!

NICOLAU.

Você é uma sonsa! Pôde vir com esses modos de san-
 tinha de pau carunchoso: não tomo nada!

HELENA.

Dindinho!

NICOLAU.

Não tomo nada, ouviu?! Não tomo nada!....

HELENA.

Pois bem, já que não toma nada, tome lá este pão á
 unha....

NICOLAU.

Heim?

HELENA.

De hoje em diante quero viver sobre mim!

NICOLAU.

Olé!

HELENA.

Ah! suppõe que não sei que estou emancipada por lei?...

NICOLAU.

Olá!

HELENA.

Até hoje tenho passado por tola!

NICOLAU.

Olé!

HELENA.

Mas de hoje em diante hei de mostrar quem sou!

NICOLAU.

Olá!

CASCAES.

(*A Pantaleão*). *Scintilla excitavit incendio!*

NICOLAU.

A senhora dona Helena como deita as manguinhas de fora!

HELENA.

Onde me levam? Para que me obrigam a arrumar bagagem? O que venho fazer á estação do caminho de ferro?...

NICOLAU.

Não é de sua conta!

HELENA.

Tome sentido, dindinho!

NICOLAU.

Olé!

HELENA.

Vocemecê não me conhece!

NICOLAU.

Olá!

PANTALEÃO.

(*Intervindo*). Então! Então!... O que é isto, compadre?...

CASCAES.

(*Idem, a Helena*). O, que está fazendo, dona Helena?

(*Baixinho*). Não grimpe! Obedeça passivamente.... Elle quer mandal-a para um convento: vá, va sem respingar.

HELENA.

Mas....

CASCAES.

Fie-se em mim: *amicus certus in re incerta cernitur*.

NICOLAU.

Desavergonhada! Faltar-me ao respeito!

CASCAES.

(*Deixando Helena e dirigindo-se a Nicolau*). Dona Helena acaba de significar-me seu arrependimento....

HELENA.

(*Humildemente*). E' verdade, dindinho: esqueci-me por um momento do quanto lhe devo. Perdôe.

PANTALEÃO.

Perdôe.

CASCAES.

Perdôe.

HELENA.

Perdôe.

NICOLAU.

(*Sombrio*). Perdôo.

HELENA.

COPLAS.

I

Não sou culpada, ó meu dindinho:
nunca fui mais pura que sou;
não me perdeu do bom caminho
este amor que cá dentro entrou,
Ai! tomo o céu por testemunha,
queira ou não queira acreditar:
quando eu ia a fugir, suppunha
dormisse a bom dormir, sonhasse a bom sonhar!
Si por um sonho só retira-me a amisade,
o que fará então pela realidade?...

II

Nos sonhos dão-se circumstancias,
que se não podem revelar....
Eu já sonhei—que estravagancias!—,
eu já corei, mesmo a sonhar....

Fosse punido quem as sonha :
 Helena, onde estarias tu ?
 Ou em Fernando de Noronha,
 ou presa em Catumby, ou morta no Cajú !
 Si por um sonho só retira-me a amisade,
 o que fará então pela realidade?...

NICOLAU.

(*Depois de pequena pausa*). Fiquei na mesma.

CASCAES.

(*A Pantaleão*). Este seu compadre é muito tapado!

PANTALEÃO.

(*Com acatamento, a Cascaes*). Não costumo desmentir os ministros de Deus....

CASCAES.

O' seu Nicolau, diga á menina que vá sentar-se áquella sala. Nós temos que fallar-lhe em particular....

NICOLAU.

A quem? a ella?

CASCAES.

Nada; a você. (*A Pantaleão, enquanto Nicolau acompanha Helena, que se retira para a direita*). E' preciso resolver o homem a abdicar a idéa do convento.

PANTALEÃO.

Faremos o possível.

CASCAES.

(*Aparte*) Si termina tudo na santa paz do Senhor, minha responsabilidade ficara salva.

SCENA VI

CASCAES, PANTALEÃO e NICOLAU.

NICOLAU.

(*Voltando*.) Sim, senhores: a rapariga tem me feito suar o tapete.... quero dizer, o tapete!

PANTALEÃO.

A culpa é sua.

CASCAES.

Póde dizer: *Mea maxima culpa*.

NICOLAU.

Então, porque?...

CASCAES.

De certo! Quem é que se lembra de mandar uma rapariga para o convento em pleno 1877!

NICOLAU.

Lembro-me eu! Oh! deixem-n'a estar, deixem-n'a estar, que o convento ha-de cusinal-a! Uma rapariga que sabe o codigo! Depois, eu cá tenho minhas tenções....

PANTALEÃO.

Ah!

NICOLAU.

Passados cinco annos, tiro-a do convento. Ha de vir de lá um modelo de virtudes....

CASCAES.

Ha de vir de lá fazendo muito bôa goiabada....

NICOLAU.

Venha como vier: virtuosa ou quituteira, ou quituteira e virtuosa ao mesmo tempo.... (*Observando a impressão deixada, por suas palavras, nas physionomias de Pantaleão e Cascaes*) caso-me com ella!

PANTALEÃO.

Heim?

CASCAES.

Casar o padrinho com a afilhada!

PANTALEÃO.

Ah! ah! ah!....

CASCAES.

(*Bensendo-se.*) *Alre nuntio!*

PANTALEÃO.

Ah! ah! ah! que lembrança!

CASCAES.

Pois você nao vê que tem mais do dobro da idade de sua afilhada?

NICOLAU.

Mas, d'aqui até lá, ella já tem vivido mais cinco annos.

CASCAES.

E você fica parado durante todo esse tempo?

NICOLAU.

E' verdade....

PANTALEÃO.

Vamos, vamos! Pense bem, compadre!

CASCAES.

Não contrarie o amor de dona Helena!

PANTALEÃO.

A liberdade, compadre, a liberdade!....

TERCETTO.

PANTALEÃO.

Hoje que o tempo é só de liberdade,
da lei do elemento servil,
tu vaes metter n'um claustro da cidade
Helena, a moça mais gentil!

CASCAES.

Poupe á menina essa desgraça!

PANTALEÃO.

Tem dó de D. Helena.

CASCAES.

Um convento é prisão
onde não morre o coração....

NICOLAU.

O que vocês querem que eu faça?

PANTALEÃO E CASCAES.

Hoje que o tempo é só de liberdade,
da lei do elemento servil,
tu vaes metter n'um claustro da cidade
Helena, a moça mais gentil!

NICOLAU.

Eu vou metter n'um claustro da cidade
Helena, a moça mais gentil!

CASCAES.

Si p'r'um convento a pobre entrar,
ha-de bem cedo se finar....

PANTALEÃO.

E si accaso morrer a dona Helena,
o responsavel serás tu,
pois és tu só quem a condemna!

CASCAES.

Sim, é você! Pobre pequena!
Seu Nicolau, ha-de sentir
fatal remorso, atroz pungir!

PANTALEÃO.

Ouve lá, de um amigo velho,
salutarissimo conselho:

I

Já os conventos não tem credito,
não dão exemplos de moral;
diz a *Gazeta de Noticias*
que de um do. taes (não sei de qual)
saltaram tres freiras intrepidas
—caramba! —os muros do quinta!

Nicolau,

para que has de ser assim tão máu?!

II

Chame o Abel; não seja rispido,
e deixe correr o marfim....
Com casamento e sem escandalo,
ha-de ter tudo airoso fim.
Si tal fizer, cheios de jubilo,
hemos dansar todos assim! (*Dansa*).

Nicolau,

para que has de ser assim tão mau?!

JUNTOS.

PANTALEÃO E CASCAES.

Nicolau,

para que has de ser assim tão máu?!

NICOLAU.

Não sou máu!

Nunca fui, não sou, nem serei máu!...

CASCAES.

E' bom reflectir bem!

PANTALEÃO.

Convem pensar melhor!

CASCAES.

A reflexão é o que convem...

PANTALEÃO E CASCAES.

O casamento é—dos males o menor...

Reflicta bem, reflicta bem!

PANTALEÃO.

Elle hesita...

CASCAES.

Elle hesita...

PANTALEÃO E CASCAES.

O' que padrinho austero!

(Examinam Nicolau, que reflecte profundamente)

NICOLAU.

(Decidindo-se) Não quero!...

PANTALEÃO E CASCAES.

Si você manda a moça p'r'o convento,
arrepender-se-ha! E' natural
que ella perca em moral cento por cento,
saltando o muro do quintal...

NICOLAU.

Si eu mando a rapariga p'r'o convento,
não hei de arrepender-me! E' natural
que ella ganhe em moral cento por cento;
não salte o muro do quinta...

(Dirigindo-se, ora a Cascaes, ora a Pantaleão).

Dessas razões, padre, compadre,
a mim bem pouco se me da!
Freira ha de ser, compadre, padre!
Disse e direi, ora aqui está!
Ha de ser freira! ha de ser freira!

PANTALEÃO.

Isto é que é: queira ou não queira!

PANTALEÃO E CASCAES.

Teimar assim
desta maneira,
eu vejo, emfim,
á vez primeira!

JUNTOS.

PANTALEÃO E CASCAES.

Si você manda, etc.

NICOLAU.

Si eu mando, etc.

NICOLAU.

(A *Pantaleão*). Compadre, ponha o negocio em si: si sua filha estivesse no logar de Helena, você não mandava para o convento?

PANTALEÃO.

Minha filha! Deus me livre! Minha mulher, vá....

NICOLAU.

Mas você mesmo foi que me aconselhou...

PANTALEÃO.

Reflecti.

CASCAES.

Mas, enfim, em que ficamos?

PANTALEÃO.

Sim.

NICOLAU.

Como?

CASCAES.

A monina vao?

PANTALEÃO.

Vae, *compadre*?

NICOLAU.

Com *padre* não; vae com frade.

CASCAES.

E' sua ultima palavra?

NICOLAU.

E' minha ultima palavra!

CASCAES.

(*Avança sollemnemente para Nicolau e desconcerta-se*). Diabo! não me lembra um trecho latino a proposito....

SCENA VII

OS MESMOS, ALFERES ANDRADE, GOES
& COMPANHIA, PEDRINHO, BENJAMIM,
JUCA SÁ e POVO.

PEDRINHO.

Está ahí o trem !

BENJAMIM.

Lá vem ! lá vem !

CASCABÊS.

Já o trem ?

TODOS.

Já ! O trem ! Elle ahí vem ! etc.

CORO GERAL.

Co'alvoroco o
trem de ferro
corre já
para cá !

(Ouve-se ao longe o silvo da locomotiva).

Eu já ouço-o !
Ai ! que berro !
Sem tardar
vão chegar.
Da cidade
vem um frade
receber
uma mulher !
Eil-o já ;
já parou ;
aqui esta ;
já chegou !

(Durante os ultimos versos, um trem de ferro vem, da esquerda, parar em frente a estação. Entre alguns passageiros que sahem e desaparecem, desce á scena Abel, disfarçado em frade. Barbas longas e grisalhas. oculos e capuz. Cercam todos o frade. Durante a scena seguinte, movimento de passageiros, etc.)

SCENA VIII

OS MESMOS e ABEL.

CORO.

O' reverendo, este povinho
só para vê-lo é que aqui está,
pois d'antes nunca um barbadinho
por cá passou, passou por cá.

TYROLEZA E CORO.

ABEL.

I

Eu, antes de mais nada, participo,
charíssimos irmãos, que sou um typo!
Ai! tenho muito horror ao cantochão....
Pesar de frade ser, sou muito folião!

ABEL E CÔRO.

Sou } muito folião, pesar de frade ser!
E' }

ABEL.

A cantar e a dansar tudo aqui quero ver!

CÔRO.

A cantar e a dansar elle aqui quer nos ver!

ABEL.

La la itú, la la la la!

CÔRO.

La la itú, la la la la!

(Dansa geral e desenfreada).

ABEL.

II

O meu systema a todo mundo espanta;
mas quem não gosta de pintar a manta?
Quem assim falla hypocrita não é!
A mesmíssima coisa eu fiz em Tabaté!...

ABEL E CÔRO

Sou } muito folião, pesar de frade ser!
E' }

ABEL, HELENA

ABEL.

A cantar e a dansar tudo aqui quero ver!

CÓRO.

A cantar e a dansar elle aqui quer nos ver!

ABEL.

La la itú, la la la la!

CÓRO.

La la itú, la la la la!

(*Repetição da dança*).

CASCAES.

(*Baixinho a Abel, apertando-lhe a mão*). Olhe que cases modos não são próprios de um frade!

ABEL.

(*No mesmo*). Foram copiados do natural.... (Alto). Il *signore* Nicolau? Onde está il *tutore* de la *facciola*?

NICOLAU.

(*Que tem ido comprar bilhetes de passagem*). Estou aqui, reverendissimo, estou aqui! Tome vossa reverendissima os cartões de passagem e esta carteira, com que muito mal desejo gratificar seus bons serviços.

ABEL.

Grazia. Accetto i *biglietti*, ma il *denaro*, *nò*. Noi *altri*, *ministri* de l'*altare*, *siamo* *tropo*.... *tropo*.... Io *parlo* *mal* il *portughese*.... *siamo* *tropo*... *desinteressati*.

NICOLAU.

Oui, monsieur; merci, comme ça!

CASCAES.

(*Aparte*). Aquillo será tudo menos italiano.

ALFERES ANDRADE.

(*A Pedrinho*). Aquillo é que é lingua! O italiano, oh! o italiano! *La dona* é *mobile* qual *puma* ai *vento*!

ABEL.

Mã onde está mettida la *sorella* que devo *conducire* al *clauastro*? (*Apontando para uma mulher do povo*). E' *questa* *dona*?

NICOLAU.

Nada.

ABEL.

E' *questa*?

NICOLAU.

Nada; nem *quzsta* tambem. Minha afilhada está alli; vou buscal-a. (*Sahida falsa*).

(Ouve-se ao longe o silvo da locomotiva).

CASCAES.

E não ha tempo a perder, porque já se ouve o silvo do trem que os deve levar.

ABEL.

(*Baixo a Cascaes*). Então? que tal estou?

CASCAES.

(*A Abel*). Muito bom, homem; você está muito bom! Mas o italiano está melhor.

ABEL.

(*A Cascaes*). Que italiano? (*Procurando em volta de si*). Ah! sim! o italiano que eu fallo! (*Outro tom*). Ainda nos ha vemos de vêr.

CASCAES.

Assim o espero.

NICOLAU.

(*Voltando*). Vem, minha filha, vem.

ABEL.

(*Contemplando Helena que ainda não apparece ao publico*). Ah! ecco la sorella! Oh! cielo, si giovani, così linda, già desterrata in un clauastro! Povera facciuta! Mè, emfim, andiamo! andiamo presto. (*Apparece Helena*).

CASCAES.

(*Aparte*). *Finis coronat opus!*

SCENA IX

OS MESMOS e HELENA.

FINAL.

côro.

Ella ahí vem! E! ella!

Ella vem para cá.

Meu Deus, como é bella!

Mas tão triste está!

(Durante este côro, chega outro trem, em sentido contrario ao primeiro. Movimento de passageiros, etc).

HELENA.

Ouvi, supponho, voz amiga,
que nunca mais me sabe de cá. (*Do coração*).

NICOLAU.

Para o convento é seguir já,
com este frade, o rapariga!
Bem caro vae pagar-me o mal que me causou.

ALGUNS.

O mal que lhe causou!

HELENA.

Ir pr'o convento? Não! Jamais! Eu lá não vou!...
(*Gesto de impaciencia de Cascaes*).

ABEL.

Io la parlaré!

PEDRINHO.

Que lhe dirá o frade?

ALGUNS.

Sim, sim! que lhe dirá?

ABEL.

Il cielo ispirerà!
(*Baixinho a Helena*).
Pois não viste que este frade
era o repellido Abel?...

HELENA.

(Aparte, commovida). Abel!

ABEL.

Vem commigo p'ra cidade;
segue o noivo teu fiel.

HELENA.

(Com escrúpulo). Abandonar o meu dindinho!

NICOLAU.

Ha de partir, que o quero eu!

PANTALEÃO E CASCAES.

São só tres horas de caminho....

HELENA.

(Aparte) Vou por meu gosto e pelo seu!

TODOS.

Vá já, dona Helena;
nos dá muita pena;
mas vá!
Vá já!

NICOLAU.

Então? Vá! vá p'ro convento!
Assim quero eu!

ALGUNS.

O' que grande judeu!

PEDRINHO.

Deus a leve a salvamento!

CASCAES.

(*A' parte.*) Muito me hei de eu rir....

ALGUNS.

O frade é ja seguir!

PANTALEÃO.

Vão, embarquem n'um momento:
Vae partir o trem!

ABEL E HELENA.

E ja partir p'ro convento;
Obedecer convém!

CÔRO.

Vá para o convento,

Já neste momento!

Vá para o convento!

Vá com vento em pópa! Já!

Vá! vá! vá! vá! vá!

(Durante o côro, Abel sóbe para o trem com Helena, e apparece com ella a uma portinhola).

ABEL.

RECITATIVO.

O' Nicolau, triste papel
fizeste em scena:
ca levo Helena....
Eu sou Abel!

(*Tira o capuz, as barbas e os oculos. Assombro geral,*

UNS.

Segue, Helena, o professor;
segue, segue o teu amor

OUTROS.

Que maldicto professor!

(*A Nicolau.*) Vingal-o-mos, senhor!

(Uns riem e outros estão indignados. O alfêres pucha pela espada e corre atraz do trem. Nicolau cabe fulminado por um ataque de apoplexia. Confusão. Cabe o panno).

10

11

12
13
14